



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NA FORMAÇÃO DA
CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA
REFLEXÕES SOBRE A DÉCADA DE 1990.

Elaborado por

EGON LUIS VILELA DO VALLE

Orientadora

Profa. Dra. LANA FONSECA

Seropédica – 2016

EGON LUIS VILELA DO VALLE

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NA FORMAÇÃO DA
CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA**

REFLEXÕES SOBRE A DÉCADA DE 1990.

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Junho - 2016

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NA FORMAÇÃO DA
CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA**

REFLEXÕES SOBRE A DÉCADA DE 1990.

EGON LUIS VILELA DO VALLE

MONOGRAFIA APROVADA EM: / /

BANCA EXAMINADORA:

PRESIDENTE: 
Lana Cláudia de Souza Fonseca

MEMBRO TITULAR: 
Benjamin Carvalho Teixeira Pinto

MEMBRO TITULAR: 
Bruno Matos Vieira

MEMBRO SUPLENTE: _____
Daniele Aparecida de Lima Tavares

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a mim mesmo, pois depois de tanto tempo lutando para permanecer na universidade e depois que tudo que passei, sinto que posso me conceder a breve liberdade de não ser humilde pelo menos agora, só neste momento, e agradecer na verdade não somente a mim, mas a minha teimosia. Aliás, reitero para: agradeço a pessoa que me inspirou a ser teimoso, seja lá quem for.

Agradeço a minha família, minha mãe Andreia, meus avós Lourdes e Manuel (o qual tenho a leve impressão ser dele de onde herdei a teimosia) e meus tios Adriana, Eduardo, Carlos, Amélia, Alexandre e Isa por demonstrarem sempre estar ao meu lado, desde os momentos que chegava bêbado em casa e só precisava de uma bronca e um chá horrível, até os momentos que precisei realmente de ajuda e pude contar com vocês ao meu lado. E especialmente ao meu irmão Victor Augusto, por me irritar tanto que desejava estar na faculdade ao invés de em casa, estou aqui graças a ele também.

Também devo agradecer aos meus velhos amigos de escola Roberta, Carol, Bruninho, Isabela, Andressa, Jéssica e Adriana por todo o tempo no qual vocês ainda tem paciência comigo me ouvindo chorar, rir e reclamar, principalmente reclamar. Agradeço também a tia Elizabeth, a senhora realmente se preocupou comigo quando as coisas não estavam muito bem, e jamais irei deixar de ser grato.

Aos amigos do tempo da graduação, são tantos que será necessário dividir em subpartes. Agradeço aos amigos que fiz no LADIM, a Luciana, Júlia, Maíra, Ayesha, Lorena, Stéfane, Thaisa, William, Cadu e Theany pelos ensinamentos e a paciência, muito do que aprendi durante a graduação foi ao lado de vocês. Agradeço novamente a vocês pela amizade e pelos pães que me levavam quando eu não tinha muito além de arroz para comer. Também agradeço a vocês pelas risadas, ir ao campo trabalhar não era tão desgastante quando haviam pessoas parar rir dos seus erros e logo em seguida cometer os mesmos (o qual você também ri). Também preciso agradecer novamente a Maíra, que me passou uma das maiores sabedorias desse período da minha vida, a de gostar de cerveja.

Agradeço aos amigos que fiz dentro da UFRRJ, nem sempre sabendo onde os conheci, ou quando começamos a nos falar, parecendo as vezes que eles simplesmente apenas sempre estiveram ali. À Drielly agradeço pelas aventuras espontâneas que sempre nos metíamos, até o momento que aprendi a não confiar no seu senso de direção pelo menos. À Joana por aguentar sempre as minhas dores de cotovelo, e compartilhar as delas comigo também. Ao Diogo por ser uma das poucas pessoas que insiste até

conseguir me acordar quando eu preciso mas não quero levantar (tarefa árdua), e que compreende que quando estou de mau humor, provavelmente estou com fome. A todos os amigos importantes que fiz neste pedaço de chão chamado Seropédica, Pricila, Bruno Pão, Neilton, Luara, Guilherme, Laurinha, Luiz, Edicarlos, Vinícius, Antonio, Camila, Bruninha, Anne, Mateus, Fernanda, Viviane, Carla, Rafaele, Raíssa, Lumi, Vilela, Joyce, Ângelo, Jéssica, Geisa, Fernando e Thamyris, obrigado por terem participado de todos os momentos de angústia pré provas ou de loucura pós festas, jamais esquecerei de vocês e do que passamos juntos.

Aos amigos que fiz durante meu tempo de intercâmbio, não poderia esquecer deles, minha família fora do país. Denis, Bruno, Nallin, Grazi, Ana Maria, Luíza, Gabi, Jullie, Rapha e William. Agradeço a vocês pela minha sanidade, não sei se teria suportado o intercâmbio sem vocês, que entre cabides, Fireballs, viagens com péssimo planejamento, professores com sotaques indecifráveis, e passeios de bicicleta a noite, me fizeram amadurecer como pessoa. Agradeço ao Iuri também, a quem sempre pude contar, jamais esquecerei nossas aventuras em Orlando.

E em último, mas definitivamente não menos importante, gostaria de agradecer aos meus professores, que não somente me auxiliaram a construir minha formação acadêmica, mas também a construir meu caráter. Agradeço aos professores Hélio, Hécio, Helena, Solange, Benjamin, Vanessa e Maria Amélia, em suas aulas aprendi muito mais que o conteúdo das disciplinas. Em especial gostaria de agradecer a professora Verônica pelo apoio e pelas broncas; a professora Ana Brasil pelo carinho e pelos cafés que me trazia no início da aula, quando não me aguentava mais em pé de tanto sono devido ao meu trabalho de madrugada (sinto que sem seu café não estaria onde estou); e à professora Lana que depois se tornaria minha orientadora, muito obrigado por me acompanhar nesta loucura que foi a realização da monografia.

RESUMO

Palavras chave: midiaticização, década de 1990, Gaia, educação ambiental.

O presente trabalho apresenta um estudo sobre a possível influência da mídia exercida através de meios de comunicação em massa, mais especificamente através da programação de emissoras de televisão e do cinema. A mídia tornou-se uma instituição independente e integrante a outras instituições, e está constantemente presente na vida das populações. Estuda-se aqui a provável participação da mídia infantil na construção de uma consciência ambiental em crianças e adolescentes. Foram utilizados para aporte teórico conceitos como midiaticização, consciência ambiental e educação ambiental, e principalmente os autores: Donald Worster, Eugene Odum e Phillippe Layrargues. Procura-se chegar a análise principal através do uso de duas metodologias, a análise de animações e a aplicação de entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas foram aplicadas a estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro nascidos entre os anos de 1989 e 1999 que se identificavam como telespectadores durante a infância. As análises de animações revelaram trechos de mensagens ambientalistas para todos os programas selecionados, portando diferentes visões da temática, que podem ser associados com a época de produção dos mesmos. As entrevistas revelaram uma descrença quanto a influência da mídia pela maioria dos entrevistados, e também revelaram a importância que a aplicação de educação ambiental na infância dos mesmos teve em suas vidas, assim como na sua formação de consciência. Concluiu-se nesse trabalho a não influência da mídia como esperado, podendo ser analisada como um reflexo, mas não como fator gerador, lugar esse que é tomado pela educação ambiental, que se mostrou eficaz na infância da maioria dos entrevistados. Novos estudos são necessários para determinar os motivos no qual a educação ambiental se sobressai tão fortemente à mídia como influenciadora do que chamamos, nesse trabalho, de consciência ambiental.

ABSTRACT

Key-words: mediatization, 1990's decade, Gaia, environmental education

This research presents a study on the possible influence of the media exercised through mass media, specifically through TV programs and movies. The media became an independent institution and integrated itself to other institutions, as it is constantly present on the lives of the population. It is studied the likely participation of children's media in building environmental awareness on children and adolescents. For theoretical support, it was used concepts such as media coverage, environmental awareness and environmental education, as especially the authors: Donald Worster, Eugene Odum and Phillippe Layrargues were mentioned on this study. We got to the main analysis through the use of two methods, the analysis of animated cartoons and the application of semi-structured interviews. The interviews were performed with students of Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro born between 1989 and 1999 that identify themselves as tele spectators at childhood. Analysis revealed environmental messages being used at all the selected TV shows, but carrying different views about environmentalism, which may be associated with the time of production of the shows. The interviews revealed a disbelief about the influence of the media for the majority of the interviewed, and also showed the importance that the implementation of environmental education on their childhoods had on their lives, as also the formation of consciousness. It was concluded that there was no media influence acting on the 1990 generation, as the media can be seen only as a reflection, but not as a triggering factor, which is where the environmental education fits, and which has proven effective in the infancy of most respondents. Further studies are needed to determine the reasons on why the environmental education is a much better influencer than the media.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE ANEXOS	xi
1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 SOBRE CONCEITOS NECESSÁRIOS.....	14
1.2 LEVANTAMENTO HISTÓRICO.....	15
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	27
2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	27
2.2 ANIMAÇÕES UTILIZADAS.....	29
2.3 ENTREVISTAS	35
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
3.1 ANÁLISE DOS CONTEÚDOS MUDIÁTICOS	37
3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	51
3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
4. ANEXOS	60
5. REFERÊNCIAS	61

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	51
----------------	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	22
FIGURA 2	29
FIGURA 3	30
FIGURA 4	30
FIGURA 5	31
FIGURA 6	31
FIGURA 7	32
FIGURA 8	32
FIGURA 9	33
FIGURA 10	34
FIGURA 11	34
FIGURA 12	35
FIGURA 13	35
FIGURA 14	38
FIGURA 15	38
FIGURA 16	39
FIGURA 17	39
FIGURA 18	41
FIGURA 19	42
FIGURA 20	42
FIGURA 21	43
FIGURA 22	44
FIGURA 23	45
FIGURA 24	46
FIGURA 25	46
FIGURA 26	47
FIGURA 27	48
FIGURA 28	49
FIGURA 29	49
FIGURA 30	50

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	60
---------------	----

1. INTRODUÇÃO

Quando me recordo da infância, as primeiras coisas que sempre me vêm em mente são programas televisivos que retratavam a natureza, tanto representada através de personagens, como geradora de questões dentro de uma trama. Também me lembro de revistas colecionáveis com temas de zoologia as quais eu me agarrava com tamanho apreço, que ainda possuo toda a coleção inteira intacta e bem conservada.

Mais tarde, durante a minha adolescência, a divulgação científica propriamente dita, tomou partido na minha aproximação não só com a Biologia mas com a ciência em si, pois fui apresentado a documentários, programas e livros de Carl Sagan¹, Stephen Hawking², Richard Dawkins³ e, principalmente, (como a mais influente na minha decisão de curso) Suzana Herculano Houzel⁴.

Como grande parte dos alunos de Ciências Biológicas que entraram comigo na graduação, ingressei no curso abarrotado de ideais que me faziam acreditar ter o poder de fazer a diferença no mundo e contribuir para a solução das crises ambientais e energéticas. Meu ânimo com a ciência e a excitação pela produção de novos conhecimentos se confundiam e se mesclavam com mensagens de “salve o planeta” que ecoavam em minha mente, remanescentes de todos os programas, documentários e matérias de jornais aos quais fui exposto ao longo da vida. Fazendo uma reflexão sobre este assunto ao final de meu tempo na graduação, decidi por me aprofundar nesse tema, que, de certa forma, me aproximou da Biologia. A questão sobre o quão importante são a divulgação científica e a discussão de questões ambientais para as gerações passadas e atuais, foi o motor principal que impulsionou a produção deste trabalho de conclusão de curso.

Este trabalho tem como objetivo propor uma discussão sobre a influência midiática na construção de uma “consciência ambiental” pelo indivíduo receptor. Propondo a hipótese na qual a mídia teve uma forte participação na construção dessa consciência. Optei por me focar em programas televisivos voltados para o público infantil assistidos por pessoas nascidas entre os anos de 89 a 99, por acreditar ter sido esta a geração com uma possível maior influência no Brasil, tanto pela quantidade de

¹ Astrônomo americano, consultor e conselheiro da NASA, dedicou-se à divulgação científica da astronomia. Considerado como um dos maiores divulgadores da ciência já viventes.

² Físico teórico inglês, ocupa a cadeira de Isaac Newton como professor de matemática na Universidade de Cambridge.

³ Biólogo evolucionista e etólogo queniano, dedicado à divulgação científica e à militância ateísta.

⁴ Neurocientista e geneticista brasileira, escritora e colunista da Folha de São Paulo.

material midiático oriundo dos Estados Unidos (desenhos animados e documentários) na época, quanto pela realização da Eco 92 no país, o que certamente aqueceu as discussões sobre meio ambiente por um considerável período de tempo (NOVAES, 1992).

A mídia tem um papel fundamental na sociedade contemporânea e a maneira com que esta se encontra permeada na rotina e na vida dos indivíduos na sociedade, faz com que se torne inviável considerar a mídia como algo separado das instituições culturais e sociais. Tradicionalmente, tem-se o modelo onde a mídia possui um forte papel de ação na sociedade, por meio de influência no poder de compra de consumidores, poder de voto, modulação da moral e desvio da atenção da massa para assuntos de menor relevância. Sendo algo tão presente e enraizado na vida da população, ela claramente possui um papel de influência na formação de opinião, conduta e estilo de vida das pessoas (HJARVARD, 2012).

Sabe-se que a mídia, por meio de recursos audiovisuais, possui um poder considerável de manuseio de questões morais na mente do espectador, especialmente se o público em questão se resume a crianças em fase de alto desenvolvimento cognitivo. Como já foi demonstrado por Mussen & Rutherford (1961), Lovaas (1961) e Applefield & Smith (1971) para parâmetros de agressividade, grupos de crianças responderam de forma significativamente mais agressiva a objetos, tiveram escolhas por brinquedos mais violentos e demonstraram mais interações interpessoais agressivas em um curto período do tempo após exposição a programas de desenhos animados violentos, visivelmente demonstrando que houve influência direta da mídia televisiva (todos os desenhos animados já haviam sido previamente exibidos em emissoras) no comportamento dos espectadores juvenis.

Sendo possível a influência midiática na formação de questões morais (de cunho agressivo como já demonstrado ou não), torna-se concebível que movimentos sociais e ambientalistas ocorrendo no momento presente da história, possam invadir os meios midiáticos (sendo a mídia esta instituição fluida e enraizada em vários setores da sociedade) e se difundir de forma a construir valores morais fixos em uma geração em desenvolvimento, solidificando os valores pregados por esses mesmos movimentos em alicerces sólidos da sociedade futura, ao invés de tornarem-se passageiros e pertencentes aos seus períodos históricos apenas.

Os objetivos específicos aqui definidos são:

- Trabalhar os conceitos de midiaticização e apresentar o contexto histórico que levou a presente concepção de ambientalismo.

- Elaborar relações entre os elementos da infância dos participantes entrevistados e a concepção dos mesmos sobre questões ambientais.
- Analisar alguns dos elementos presentes na mídia infantil das décadas de 1990 e 2000.

1.1 SOBRE CONCEITOS NECESSÁRIOS

Antes de iniciar uma análise sobre os conteúdos midiáticos e as falas de entrevistados, é necessário elucidar a visão presente durante a elaboração deste trabalho sobre os devidos conceitos: educação ambiental, consciência ambiental, ecologia, sustentabilidade, ambientalismo, preservação e conservação.

Ao pensar sobre educação ambiental, deve-se ter em mente a presença do termo “educação” como primordial no conceito. A educação é, segundo a definição presente no dicionário Michaelis, “Aperfeiçoamento das faculdades físicas intelectuais e morais do ser humano; disciplinamento, instrução, ensino.”, e deriva do termo em latim *educatio* que significa criar, cultivar, nutrir (<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=educa%E7%E3o>). Olhando através de outras perspectivas, a educação, segundo Paulo Freire, seria melhor definida como uma prática de liberdade, liberdade esta contra a opressão gerada através da ignorância, da falta de senso crítico e autonomia intelectual (FREIRE, 1967). Por meio destes valores, consegue-se inferir a educação ambiental como um conjunto de práticas pedagógicas cujo objetivo principal seria construir valores de sustentabilidade, juntamente com um senso crítico sobre os modos de produção e o impacto dos mesmos sobre os ecossistemas, assim como a formação de uma responsabilidade social para com os recursos naturais, patrimônios universais, ou como seria afirmado na conferência de Estocolmo em 1972 como o propósito da educação ambiental: “despertar a consciência ecológica dos indivíduos para uma utilização mais racional dos recursos do Universo” (UNESCO, 1972). Ou mais simplesmente como definido por Layrargues, 2004: “Educação Ambiental, portanto é o nome que historicamente se convencionou dar às práticas educativas relacionadas à questão ambiental.” (LAYRARGUES, 2004, p. 7)

Sobre Ecologia, segundo Odum, pode ser definida como:

Ecologia define-se usualmente como o estudo das relações dos organismos ou grupos de organismos com o ambiente, ou a ciência da

inter-relações que ligam os organismos vivos ao meio ambiente.(ODUM, 2004, p.4)

O despertar da chamada consciência ecológica então, também pode ser identificada, seguindo a mesma linha de raciocínio dos parágrafos citados acima, como a idealização dos valores ambientalistas e de sustentabilidade, construídos por meio da elaboração de senso crítico quanto as práticas humanas agressivas ao meio natural, comprometendo a manutenção do equilíbrio e de recursos naturais; assim como a construção da noção do humano como parte integrante do meio, e não como o ser dominante que se utiliza do meio natural como ferramenta para o crescimento próprio. A consciência ecológica pode ser adquirida através de práticas de educação ambiental.

A sustentabilidade pode ser expressa pela compreensão da incompatibilidade entre o princípio do lucro e a manutenção da integridade dos recursos naturais, inerente ao modelo de desenvolvimento capitalista, visando assim a reflexão e mudança quanto as práticas humanas responsável pela degradação ambiental (LAYRARGUES, 2004, p. 38). Assim o ambientalismo também pode ser inferido como a ideologia no qual os conceitos de proteção ambiental o uso responsável dos recursos naturais e sustentabilidade estão inseridos.

Quanto aos conceitos de preservação e conservação, comumente confundidos, diferenciam-se quanto ao grau de proteção e interferência humana atribuída ao ambiente. O termo conservação se propõe ao manejo e uso responsável de recursos naturais, ou seja, interferência humana controlada e planejada, a fim de garantir a sustentabilidade para que gerações futuras possam também usufruir do meio. Já para a preservação, a proteção integral visando prevenir a perda de biodiversidade, sem interferência humana, através da não presença de ação humana é almejada. (<http://www.agenda21comperj.com.br/noticias/preservar-e-diferente-de-conservar-voce-sabia>).

1.2 LEVANTAMENTO HISTÓRICO

Os movimentos ambientalistas, cuja influência adentraram os meios midiáticos, se iniciaram a partir da década de 1950, onde ideais provenientes do meio científico propagavam da ideia de que a industrialização traria malefícios à sociedade através de desastres ecológicos e aumento de doenças. Essas ideias propagadas pela comunidade científica estavam à época majoritariamente relacionadas às questões sobre

índices de radioatividade proveniente de acúmulos de tóxicos oriundos de tecnologia para energia nuclear como, também, dos crescentes números de testes com armamentos nucleares em terra e mar realizados pelos Estados Unidos (contaminando o ar e a água juntamente com ecossistemas locais). Tais receios influenciaram a elaboração de um Comitê de Informação Nuclear em St. Louis em 1958, anunciando para o público geral os efeitos ecológicos da contaminação radioativa e os perigos envolvidos na geração de energia nuclear e nos usos das mesmas para fins bélicos. (FLEMING, 1972).

Também nos Estados Unidos, em 1953, o livro *“Fundamentals of Ecology”* escrito por Eugene Odum é publicado e se torna um grande sucesso, apresentando a um grande público certos conceitos de ecologia com aplicações matemáticas, e sendo traduzido para mais de 20 línguas. A palavra “ecologia”, na época, começaria a tomar uma nova forma e a agregar novas palavras a sua esfera de conceitos, assim como *“environment”* (meio ambiente em português) que no começo do século se referia às influências sociais externas e contrastava com *“endowment”* (intrínseco, instinto) para fazer a dualidade de ideias *“nature vs nurture”*⁵, mudou seu significado para as influências do meio natural, envolvendo flora, fauna, clima, constituição física e química local, onde seres humanos não seriam mais agentes passivos nessa relação e sim seres integrantes e pertencentes ao meio⁶ (WORSTER, 1994, p.350).

Os pensamentos de Howard e Eugene Odum inspiraram muitos pesquisadores com seus ideais, os irmãos compartilhavam a ideia de que a ecologia deveria trabalhar em uma visão integral da natureza, envolvendo todos os seus fatores a ponto de ser possível mensurar a movimentação de energia e matéria nos ecossistemas globais e até obter controle sobre os mesmos. Os irmãos possuíam suas diferenças quanto à metaforização da natureza pois, enquanto Howard expressava sua visão do ambiente como uma máquina e comparava ecossistemas com linhas de circuitos elétricos, Eugene exprimia uma visão mais orgânica e suas terminologias utilizadas sugeriam os ecossistemas como seres conscientes, ou pelo menos comparáveis a organismos vivos (ODUM, 1969).

Inspirados pelos ideais dos irmãos Odum, William Franklin Blair e Frederick E. Smith iniciaram, em 1968, um massivo programa de pesquisas para vários biomas diferentes, o projeto recebeu fundos até 1974 quando foi encerrado, arrecadando mais de 10 milhões de dólares da Fundação Nacional de Ciências americana. O ambicioso

⁵ Onde por um lado se imaginava que o indivíduo era o resultado de influências externas e sociais, e o do outro que indivíduos majoritariamente nasciam predispostos por fatores intrínsecos a ele como instintos.

⁶ O conceito se sobressaiu juntamente com os ideais de ecologia após o declínio da discussão “nature vs nurture” pós Segunda Guerra Mundial.

projeto porém, não era bem visto por parte da comunidade científica em seus anos finais, com muitos duvidando da eficácia de tais pesquisas holísticas, e afirmando não estarem nem perto da compreensão da ecologia através desse modelo de pesquisa, e que esta visão de “Biologia Grande” prometia muito mais do que poderia cumprir.

Assim como os irmãos Odum, outras personalidades que auxiliaram enormemente na popularização do termo Ecologia e na propagação de preocupações ambientais foram Rachel Carson e Barry Commoner que inclusive obtiveram mais fama com o público geral que Odum.

Rachel Carson já havia publicado três livros sobre biologia marinha (*Under the Sea Wind* (1941), *The Sea Around Us* (1951) e *The Edge of The Sea*(1955)), com o qual já havia conquistado uma estabilidade financeira juntamente com prestígio e fama na comunidade científica, porém, sua marca nas questões ambientais se iniciou quando ao mudar completamente seu enfoque de pesquisas (que antes de baseava em efeitos de resíduos tóxicos nucleares em ambiente marinho), publicou, em 1962, o livro “Primavera Silenciosa” onde discutia o acúmulo de pesticidas como o DDT (dicloro-difenil-tricloroetano) no solo, afetando cadeias alimentares e ecossistemas não apenas locais, mas também contaminando os cursos d’água e chegando até o oceano.

A mensagem passada por ela com este livro, audaz para a época, seria de que os humanos estariam contaminando a si mesmos através dos produtos tóxicos utilizados em larga escala, que o planeta estaria ficando “doente” devido à ação humana e, que, nós próprios sofreríamos com as consequências destes atos, cogitando até mesmo que esta seria uma ameaça igualmente preocupante a humanidade quanto a de uma iminente guerra nuclear (em um contexto de guerra fria EUA x URSS) podendo levar a humanidade à extinção. Quanto a obsessão com o controle da natureza demonstrado na época Carson (1962, pg 297) diz,

É uma frase concebida em arrogância, nascida na era Neanderthal da biologia e filosofia, quando se pensava que a natureza existia para a conveniência do homem... É nosso alarmante infortúnio que a ciência tão primitiva tenha se armado com as mais modernas e terríveis armas, e que apontando-as contra os insetos, também as está apontando contra a terra(CARSON, 1962, p.297).

Mesmo não participando ativamente em nenhum movimento político organizado, Rachel Carson inspirou a muitos com suas idéias e ajudou para que a apreensão para questões ambientais se tornasse um assunto internacional. Barry Commoner também era uma personalidade influente na comunidade, e inclusive esteve presente como membro no Comitê de Informação Nuclear de St. Louis de 1958.

Commoner teve como papel importante na história ter sido um dos primeiros cientistas com participação política nas causas ambientais (um fisiologista botânico), retirando o foco da discussão de dentro da bolha da comunidade científica⁷ (FLEMING, 1972). Commoner trabalhou na conscientização das massas sobre os perigos da energia nuclear até que, em 1963, o senado dos EUA decidissem proibir os testes atmosféricos com armamentos nucleares. A partir de então o seu Comitê de Informação Nuclear se tornou o Comitê de Informação Ambiental, onde ele continuou a agenda de política ambiental focando em outros problemas da década como o uso de fertilizantes de base nitrogenada.

A Era da Ecologia, como era chamada a época, devido ao número grande número de investimentos em trabalhos na área e a crescente visibilidade do público geral sendo conquistada, contou com os trabalhos de vários pesquisadores que, mesmo não tendo uma participação pública e política muito evidente, contribuíram para a construção de novos conhecimentos no ramo como Robert MacArthur.

Em meio a década de 1960, MacArthur juntamente com Edward Wilson possuíam uma visão reducionista da ecologia, se contrapondo aos ideais dos irmãos Odum e aos projetos conduzidos por Blair e Smith, sua visão sobre a ecologia também era diferenciada dos citados, valorizando mais a interação entre os seres vivos e o fluxo de populações do que questões climáticas e ciclos de energia e matéria, MacArthur via os ecossistemas como máquinas (novamente a visão newtoniana em pesquisadores da época). Embora não tenha adquirido a popularidade de Carson ou Commoner, MacArthur possuía um carisma dentro do meio acadêmico e neste possuiu bastante renome. Seus projetos, embora recebendo investimentos bem menores que os de Blair e Smith, culminaram na descrição da teoria de biogeografia de ilhas e lhe deram prestígio entre os ecologistas matemáticos, que viam em suas pesquisas resultados conclusivos e não metafóricos; porém parte da academia, assim como o público geral, não via em tais pesquisas uma solução para a crise ambiental que se aproximava e viam que MacArthur embora tenha contribuído para a ecologia geral, não teve contribuição alguma para a área de manejo de recursos naturais, necessária para o contorno da crise. (FRETWELL, 1975)

Já sob as pressões do meio científico, no ano de 1964, o congresso americano criou o “Wilderness Act”, um importante passo para a preservação de biomas dos Estados Unidos, onde foram estabelecidas áreas de proteção integral ao longo de todo o território a fim de, segundo o ato:

⁷ Possivelmente influenciado pelo candidato à presidência Adlai Stevenson em 1956, que fez pela primeira vez uma campanha política utilizando problemas de cunho científico.

[...] garantir que o aumento populacional, acompanhado da expansão de áreas de ação humana e mecanização, não ocupe ou modifique todas as áreas contidas nos Estados Unidos e suas possessões, não deixando nenhuma área designada para preservação e proteção do ambiente em sua condição natural (www.wilderness.net).

O resultado dos esforços da comunidade científica com engajamento político, veio à tona com a força da mídia em 22 de abril de 1970, com o primeiro Dia da Terra, marcando o início dos movimentos modernos ambientais e do que seria nomeado durante a década de “A Era da Ecologia”. A idéia da criação do Dia da Terra veio do então senador de Wisconsin (estado dos EUA) Gaylord Nelson, motivado pelas devastações a biomas marinhos causadas pelo derramamento de petróleo de 1969 em Santa Barbara. Nelson recrutou uma equipe de 85 pessoas do meio acadêmico dispostas a promover eventos ao redor do país no dia 22 de abril (www.earthday.org), entre elas Barry Commoner que se dispôs a realização de quatro conferências em diferentes campus universitários no espaço de poucas horas.

Nas palestras e eventos criados no primeiro Dia da Terra os participantes e ouvintes eram orientados a dirigir menos, a economizar mais combustíveis fósseis e a questionar um modelo de sociedade e que incentivava o consumo exacerbado de recursos naturais, riquezas pessoais e o prestígio como meta para realização. (WORSTER, 1994, p. 357) No total cerca de 20 milhões de pessoas foram às ruas para demonstrar apoio às causas ambientais em grandes passeatas e centenas de universidades também se juntaram à causa, seja cedendo seus espaços para a realização das conferências ou organizando protestos contra a deterioração dos recursos naturais.

O Dia da Terra de 1970 serviu, não somente, para chamar atenção da mídia pública de massas para os problemas enfrentados na crise ambiental, mas também para unir grupos que lutavam por causas distintas a perceberem que os mesmos possuíam objetivos em comum. Grupos que previamente estiveram envolvidos em protestos contra poluição industrial, usinas elétricas poluidoras, derramamento de esgotos não tratados e outros resíduos tóxicos, o uso de pesticidas e perda de áreas de habitat natural preservado, então se uniram para dialogar sobre as lutas em comum.

Sam Brown, um ativista antiguerra e parte da equipe de Nelson foi o principal organizador dos eventos do dia em questão e tentou aplicar as mesmas táticas de protestos estudantis aplicadas a movimentos contra a guerra do Vietnam e de discriminação racial, porém parte do grande público via o evento como uma causa menos urgente a ser resolvida, e um problema menos grave comparado a outros da época. Este foi o primeiro evento de tamanho porte sobre a causa ambiental, e a

população ainda não tivera tempo de absorver o medo apocalíptico que tomava a comunidade científica, e o dia acabou ficando marcado mais como uma celebração do que um dia de luta contra uma crise que se aproximava (*ibidem*, p.356).

Porém as lutas ambientais não cessariam com a criação do Dia da Terra, e entidades não americanas e de esforço internacional pela causa pressionaram os governos de seus países a Organização das Nações Unidas. Até que em 5 de Junho de 1972 a ONU promoveu a conferência de Estocolmo, a primeira conferência totalmente aberta a civis e organizações não governamentais e o evento que colocou definitivamente a questão nas agendas políticas internacionais.

Grupos tanto de acadêmicos preocupados com o iminente apocalipse ecológico quanto de organizações civis participaram do evento, juntamente com as devidas representações dos 113 nações participantes⁸. Parte dos civis presentes participaram da conferência movidos diretamente por causas humanitárias em prol de vítimas humanas de desastres ambientais e ações irresponsáveis de governos, como exemplo o Desastre de Minamata no Japão, com derramamento de mercúrio em janeiro de 1956 na província de Kumamoto, e o uso do “Agente Laranja” como químico desfolhante durante a Guerra do Vietnam pelo governo americano (com vítimas de ambos os casos presentes na conferência⁹), enquanto outros foram motivados pela divulgação científica sobre o tema promovida nos anos anteriores, principalmente devido a publicação do livro de Rachel Carson “Primavera Silenciosa” (<http://www.bbc.com/news/science-environment-18315205>).

Os representantes dos governos presentes na conferência se viram forçados a se dialogar sobre medidas para contornar os problemas ambientais a fim de acalmar a opinião pública; porém parte dos países em desenvolvimento questionavam boicotar o evento, por considerarem as questões ambientais uma preocupação de países desenvolvidos, já que eles próprios não poderiam se dar ao luxo de frear seu desenvolvimento e a diminuição da pobreza em seus territórios em prol de causas ambientais, que julgavam um problema de menor importância no momento comparados a outros enfrentados por países menos desenvolvidos.

No geral os resultados do evento podem ser considerados positivos, com o estabelecimento de uma declaração em que nações participantes deveriam trabalhar em

⁸ Apenas as nações pertencentes ao bloco capitalista ou aliadas aos Estados Unidos participaram da conferência. Em 1972, a Guerra Fria estava em seu ápice e a Alemanha oriental não possuía uma cadeira na Organização das Nações Unidas, logo a União Soviética e seus aliados se abstiveram da conferência.

⁹ Os sobreviventes, tanto do desastre de Minamata quanto do ataque com Agente Laranja, apresentaram degeneração neurológica e deformidades físicas, o que juntamente com relatos dos mesmos, contribuiu para chocar os presentes e alarmar sobre os efeitos nocivos de agentes químicos no corpo humano.

conjunto para a proteção dos recursos naturais, e que era de comum acordo que a manutenção de ambientes naturais era necessário para uma maior prosperidade das nações em desenvolvimento. Barry Commoner questionava que as decisões tomadas na conferência não seriam suficientes para frear uma iminente crise, e que os governos poderiam ter investigado maneiras de promover indústrias com uma menor produção de resíduos poluentes ao invés de concordarem em monitorar os níveis de poluição em seus territórios, e não poluir territórios de outros.

Também, pela primeira vez em escala mundial foi abordada nas discussões do tema a importância da educação para a disseminação dos ideais e solução da crise ambiental a longo prazo, como explicitado no documento final da declaração:

É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais, visando tanto as gerações jovens como adultos, dispensando a devida atenção ao setor das populações menos privilegiadas, para assentar as bases de uma opinião pública bem informada e de uma conduta responsável dos indivíduos, das empresas e das comunidades, inspirada no sentido de sua responsabilidade, relativamente a proteção e melhoramento do meio ambiente em toda a sua dimensão humana. (LAYRARGUES, 2004, p.273)

Desde então já era dada iniciada a “Era da Ecologia” como propagavam os veículos midiáticos gerais, o público havia tomado para si os valores de proteção ambiental e empresas que abraçavam a causa eram bem vistas publicamente (e parte delas começou a investir nisso como forma de marketing). Em jornais e revistas as capas apareciam frequentemente portando uma foto retirada de uma das espaçonaves americanas, com a imagem do planeta Terra visto do espaço circundado pela escuridão ao redor, e a ideia do planeta como um ser único, frágil e sozinho no espaço tomava força (WORSTER, 1994, p.358).

Com o crescimento contínuo dos movimentos ambientalistas, e da midiaticização e mercantilização dos mesmos, o público começou a conhecer melhor os pesquisadores engajados politicamente ou dedicados à divulgação da causa e, aos olhos dos mesmos, os ecologistas seriam como médicos para o planeta, responsáveis de forma heroica, inclusive, a lutarem contra as mazelas que se infligiam sobre o ambiente e educar os cidadãos sobre a fragilidade da natureza e como os humanos estão interferindo na mesma. Eram vistos como assim descrito por Donald Worster (1994) por “um defensor galante da integridade da natureza” (*ibidem*, p.359).

Parte da responsabilidade sobre a criação desta imagem de “salvadores e heróicos” referente aos ecologistas e outros envolvidos em questões públicas sobre a crise ambiental, pode ser atribuída às resoluções geradas a partir de encontros e

seminários presididos pelos próprios envolvidos na disseminação dos ideais ambientalistas. Como exemplo, no Seminário Internacional de Educação Ambiental em Belgrado em 1975, foram citados como propósitos para o futuro, não somente a proteção dos recursos naturais, mas também “a erradicação das causas básicas da pobreza, da fome, do analfabetismo, da poluição, da exploração e dominação”, assim como promover “mudanças que serão direcionadas para uma distribuição equitativa dos recursos da Terra e atender mais às necessidades dos povos”, carregando aos envolvidos no movimento ideais gloriosos e nobres, que seriam associados a imagem dos ecologistas. (<http://www.mma.gov.br/quem-%C3%A9-quem/item/8066-carta-de-belgrado>).

Subitamente a palavra Ecologia era onipresente em quase todas as formas de publicidade e marketing, estampado em camisetas e aparecendo em propagandas. No mesmo instante surgiam partidos políticos com pontos principais de pautas voltados a questões ambientais, os “Ecology Parties” (partidos ecológicos).

Na capa da revista TIME (Figura 1), de 2 de Fevereiro de 1970, era estampada uma imagem de Barry Commoner com um fundo dividido entre uma natureza em cores vivas e um ambiente poluído em preto e branco, trazia também dizeres “Ecologista Barry Commoner - A Emergente Ciência da Sobrevivência” (www.content.time.com/time/covers) e contida na matéria havia críticas sobre a crescente poluição em áreas urbanizadas.

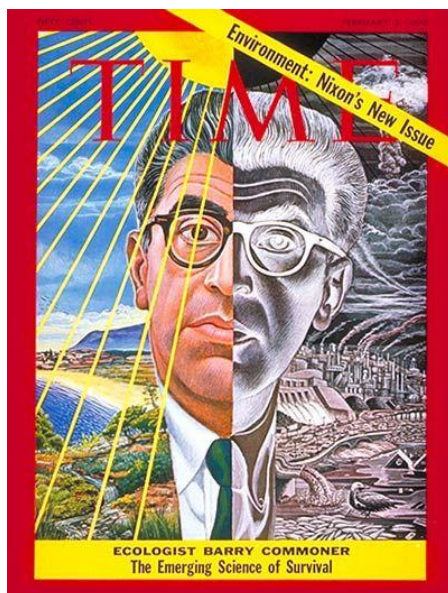


Figura 1 - Capa da Revista TIME – 02/02/1970
Fonte: www.content.time.com/time/covers

Em meio a essa explosão da popularidade da ecologia e dos valores ambientalistas, surge através de James Lovelock um termo de impacto profundo para a

representação da natureza no imaginário popular em 1979 com a publicação do livro “Gaia: A New Look at Life on Earth”, um termo novo que remeteria a uma visão clássica e divina da natureza e iria se contrapor violentamente a uma imagem da natureza proveniente da revolução industrial que ainda possuía força.

Lovelock era um especialista em gases atmosféricos e iniciou seu pensar diferente sobre a natureza em uma reflexão sobre o motivo da existência da vida na Terra e inexistência em outros planetas do sistema solar. As condições climáticas na Terra eram vistas como anomalias inexplicáveis para ele e, ao pensar sobre essas questões, concluiu que a vida presente no planeta havia moldado a sua conformação atmosférica e climática tornando-o um ambiente estável e conveniente à manutenção da própria vida.

Lovelock escolheu como metáfora para atribuição de sua teoria o termo “Gaia”¹⁰ para se referir a natureza. A escolha de um termo que trazia uma natureza personificada ao planeta e, mais que isso, como uma figura feminina de caráter materno¹¹ repercutiu de forma intensa na mídia e na sociedade e o movimento ambientalista tomou uma força ainda maior movido pela visão poética e divina das palavras de Lovelock (WORSTER, 1994, p.378).

Ao contrário da forma poética com que sua teoria de que os seres vivos, em um único sistema homeostático como um todo, influenciam nas condições climáticas e ambientais do planeta, ao ponto de contrapor mudanças não favoráveis à manutenção da mesma era tratada, metáforas anteriores como as propostas pelos irmãos Odum e MacArthur não atingiram tanto o público. Eugene Odum embora, em outras ocasiões, tivesse se referido a ecossistemas como seres conscientes e auto organizáveis como organismos, ou que a homeostase do ambiente seria como o padrão saudável do corpo humano e distúrbios no ecossistema como infecções (ainda obedecendo a uma lógica de que ecossistemas são comparáveis a organismos vivos e não máquinas), teve como principal metáfora para se referir ao planeta Terra a de que o planeta seria comparável a uma nave espacial com recursos limitados em meio à imensidão do universo e sem nenhum módulo para evacuação de emergência (como explicitado no Capítulo 20 do livro “*Fundamentals of Ecology*” do mesmo, intitulado “Ecologia do Voo

¹⁰ Gaia era um dos Titãs da mitologia grega, uma espécie de divindade feminina que simbolizava a terra e poderia criar vida a partir de partes de si mesma.

¹¹ Lovelock se referia à natureza como um ser feminino utilizando os pronomes “She” (ela) e “her” (dela) trazendo a sua teoria de que a vida influencia nas condições ambientais do planeta de forma bem poética, o que repercutiu com bastante avidez.

Espacial”), seu pensamento era influenciado pelas inovações tecnológicas da época e o acidente com a nave espacial Apollo 13¹².

O outro irmão, Howard Odum também fascinado pelas inovações tecnológicas da época, descrevia ecossistemas como “sistemas analógicos elétricos” nos quais organismos eram apenas caixas de junção dos fluxos de energia, indo na direção oposta da visão orgânica de seu irmão e tendo uma ideologia mecanicista do mundo natural. Embora a visão dos Odum se contrastasse, ainda tinham em comum a admiração com as invenções do mundo recém iniciado em missões espaciais, o que de certa forma suportava o desejo antigo da conquista da Terra, da dominação da natureza (*ibidem*, p.371).

Na visão geral de MacArthur a natureza quando vista pela ciência séria, disposta a realizar predições através da elaboração de modelos matemáticos, era totalmente mecanicista e guiado pela casualidade (remetendo a pensamentos de Descartes e Newton). Embora as pesquisas realizadas por MacArthur tenham contribuído para o campo da Ecologia, em nada contribuíram para conhecimentos em manejo de recursos ambientais e jovens entusiastas da ecologia não aceitaram seus ideias, eles queriam “curar o planeta” de forma rápida, e nenhuma das pesquisas de MacArthur os levariam até este ponto.

O botânico de Cambrige G. Clifford Evans em 1976 também apresentou uma metáfora interessante ao comparar a Terra a um saco de diamantes brutos, onde o papel dos ecologistas era persuadir a humanidade a não jogar o saco inteiro no forno e queimá-los rapidamente. (*ibidem*, p.361).

Embora todas as metáforas anteriores tenham recebido algum tipo de reconhecimento e chamado a atenção de vários membros da comunidade científica (algumas mais do que outras), como dito anteriormente, nenhuma atingiu o público com a força com que a de Lovelock o fez.

Embora a ideia de Gaia fosse considerada para muitos dos cientistas a época um absurdo, o criador do seu conceito era um representante do meio acadêmico renomado propondo uma hipótese suportada por uma considerável quantidade de evidências (não considerando Gaia com um sentido literal claramente, mas ainda considerando-a como um super organismo). O que fez com que Gaia se tornasse a metáfora científica mais debatida durante a chamada “Era da Ecologia”.

¹² A nave tripulada Apollo 13 teve uma explosão no módulo de serviço em 13 de abril de 1970 retornando da lua, e após muitas horas de tensão com o acompanhamento do público em terra a tripulação decidiu entrar no módulo de fuga e abandonar a nave.

Eugene Odum, simpatizante dos ideais orgânicos sobre os ecossistemas, adotou para si o termo Gaia em algumas de suas publicações mais tarde (MARGULIS & LOVELOCK, 1988). Já o público geral tomou conhecimento da metáfora de Lovelock através do livro “*Gaia a New Look at Life of Earth*”, publicado em 1979, no livro Lovelock trabalha com uma linguagem de amplo acesso e entendimento e discute através da ecologia, questões morais, éticas e religiosas e não somente assuntos relacionados a questão ambiental. Através de sua teoria, a base para a manutenção na vida não estava aplicada na competição e luta entre organismos e indivíduos¹³, mas sim na cooperação, mutualismo e simbiose, através de Gaia se introduzia o conceito de que organismos dependem uns dos outros para sobreviver mais intensamente do que competem uns contra os outros pela sobrevivência, o que era bem um ataque indireto as justificativas do capitalismo selvagem como sendo uma ordem natural do mundo através da competição. Lovelock fez através deste livro, o que Donald Worster (1994) definiu sobre a ecologia através do pensamento de Odum, como o estudo da natureza como um modelo para a sociedade.

Com esta nova imagem sobre a natureza, um ser divino e de características humanas, alguns pastores citaram Gaia como sendo uma mesma personalidade que Deus e expandido a metáfora como não apenas uma representação da vida no planeta, mas da harmonia presente em todo o cosmos, o que Lovelock achou interessante porém fez questão de ressaltar sua percepção espiritual como agnóstico (WORSTER, 1994, p.382).

A partir deste momento os debates sobre questões climáticas tomariam uma crescente visibilidade com várias conferências e eventos ao redor do globo como a “*Toronto Conference of The Changing Atmosphere*” em 1988¹⁴ e o “*IPCC's First Assessment Report*” em Sundsval em 1990¹⁵; até quem em 1992 ocorre a II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a ECO-92 no Rio de Janeiro.

A ECO-92 foi uma conferência de chefes de estado para a discussão de temas, resoluções e estratégias para garantir a manutenção dos recursos naturais a gerações

¹³ O que discutiremos mais tarde, era utilizado como pretexto para a justificativa e empoderamento do modo de vida e sociedade baseada no “capitalismo selvagem”, muito incentivado no pós guerra americano com a “sobrevivência do mais forte”, a competição por recursos e bens materiais entre indivíduos como sendo algo natural.

¹⁴ Para mais informações sobre, veja: Environmental Conservation / Volume 15 / Issue 03 / Autumn 1988, pp 282-283 DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S03768929000>

¹⁵ Para mais informações sobre, veja: Climate Change: The IPCC Scientific Assesment J.T. Houghton, G.J. Jenkins e J.J. Ephraums (eds.). Cambridge University Press, Cambridge, Great Britain, New York, NY, USA and Melbourne, Australia

futuras. Como um dos principais temas em questão da conferência, estavam a redução emissão de poluentes atmosféricos e compostos de carbono, a diminuição do crescimento do buraco na camada de ozônio e a proteção da biodiversidade.

Antes mesmo no início da convenção, dificuldades diplomáticas já haviam se tornado um empecilho aos acordos devido a recusa de países como desenvolvidos como os Estados Unidos (que se encontrava em uma recessão econômica) em criar políticas para reduzir suas emissões de carbono e produção de gases CFC, principais responsáveis pelo aumento do buraco na camada de ozônio (NOVAES, 1992).

Também ofereceram resistência previamente e durante os eventos da ECO-92 o Japão que via como impossível a redução da liberação de carbonetos (o Japão foi o país com o maior crescimento de emissões nos anos anteriores ao evento), e os exportadores de petróleo, principalmente os países árabes que estavam em desenvolvimento e alegavam que os efeitos do acúmulo de carbono na atmosfera ainda era um fenômeno pouco estudado e que não poderiam frear seu desenvolvimento, o acúmulo de capital e o combate às mazelas sociais e a miséria em seus países devido a uma certeza inexistente sobre o assunto em pauta.

Concordando com o assinado de um tratado, porém ainda assim não auxiliando nas questões diplomáticas, estavam os países europeus desenvolvidos que propunham um imposto sobre o consumo de combustíveis fósseis para todos os países industrializados, o que de fato iria reduzir o consumo e geraria um aumento de preços penalizando os países pobres em lugar dos países ricos; através deste se mudava os rumos originais da convenção de promover mudanças nos meios de produção, o que demandava investimentos dos países industrializados, para reduzir o consumo de combustíveis às custas dos países exportadores e em desenvolvimento (exatamente o mesmo problema relatado por Barry Commoner sobre a conferência de Estocolmo, quanto a falta de investimentos dos países ricos em novos modelos de produção).

Como final, na conferência da ECO-92, após árduas negociações estabeleceu-se que os países deveriam comunicar quaisquer tipo de alteração no valor de emissões de carbono e outras espécies de poluentes a um comitê temporário, criando desta forma uma responsabilidade em comum para cada país e permitindo a tomada de decisões preventivas com as informações coletadas pela comissão (*ibidem*).

Também como resultado da ECO-92, foi estabelecida a Agenda 21 (nome escolhido como base em metas para o próximo século, no caso o XXI), um programa de ação com base em um documento de 40 capítulos, neles contendo medidas para aceleração do desenvolvimento sustentável, combate à pobreza, mudança de padrões de

consumo, promoção a condições de saúde e assentamentos humanos, proteção à atmosfera, manejo dos ecossistemas e recursos naturais, combate ao desflorestamento entre vários outros tópicos presentes no documento. Um dos tópicos, o capítulo 36, é inteiramente voltado à educação ambiental e pode ser dividido em três aspectos principais: a promoção do ensino, como fundamental o direcionamento da educação para o desenvolvimento sustentável através da educação ambiental no meio escolar em uma reorganização do ensino; conscientização, como parte da campanha mundial para gerar novos valores e promover o aumento da consciência pública; e o treinamento, como incentivo à capacitação de recursos humanos, a fim de facilitar a transição para um mundo mais sustentável (<http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/cap36.pdf>).

Porém, ao todo, não houve grandes avanços em questões de políticas ambientais internas de cada um dos países presentes, muito foi debatido e poucos foram os tópicos com consenso entre os chefes de estado. Pode-se argumentar que a conferência teve importância na exposição das questões ambientais para a grande massa e no reforço do poder de atuação das Organizações Não Governamentais que mobilizaram as sociedades e pressionaram seus governos até que eventos como estes pudessem ser concretizados; porém como dito pelo professor de Harvard Otto Solbring “em 1972, em Estocolmo, se disse a mesma coisa, e não houve mudanças importantes” (NOVAES, 1992).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste projeto, foram estabelecidos três caminhos metodológicos a serem utilizados no levantamento de dados a fim de aumentar os conhecimentos para propiciar uma discussão relevante e com embasamento sobre o tema proposto: Levantamento bibliográfico, análise de animações e entrevistas semiestruturadas.

2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

O levantamento bibliográfico teve início com a divisão dos temas que deveriam ser abordados durante a discussão do objetivo principal. Sendo o objetivo propor uma discussão sobre a influência midiática na construção de uma “consciência ambiental” pelo indivíduo receptor, foi necessário uma busca textual dos temas:

mediatização, influência da mídia, história dos movimentos ambientalistas, conteúdos televisivos da década de 1990 e 2000 e percepção das sociedades ocidentais sobre questões ambientais de domínio público.

Quanto à mediatização, seria essencial para a concretização deste trabalho um conhecimento prévio sobre a permeabilidade da mídia nas instituições sociais e culturais assim como a percepção do seu poder de transformação dentro de instituições da sociedade. Deve-se atentar que optei por diferenciar mediatização e influência da mídia neste trabalho, por acreditar que ambas, embora semelhantes em seu núcleo, possuam como diferença o nível de transformação. Enquanto foi considerado que mediatização teria um papel transformador em instituições sociais e culturais (e até como uma instituição independente), agindo de forma virtual em padrões gerais e interações entre setores inteiros da sociedade; foi considerado a influência da mídia com um papel de construção de valores em indivíduos, participando juntamente com outros fatores do cotidiano do receptor na formação de sua “consciência”, em um nível individual.

Sobre a história dos movimentos de cunho ambiental, seria interessante relacionar os programas televisivos escolhidos com a data e o local da produção dos mesmos e o contexto no qual se encontrava a sociedade quanto a publicidade da temática ambiental no momento. Indo mais a fundo, optou-se por definir o início deste ciclo recente de temática ambiental na sociedade ocidental, chegando até a era pós segunda guerra mundial, em um retrato que se estende de 1950 até 1992, finalizando o levantamento histórico assim que adentrado na década de estudo. O local de prioridade para o levantamento histórico também foi de extrema relevância, sendo ele os Estados Unidos da América, onde não somente se iniciaram a maior parte das discussões ambientalistas na década de 1950, como é o país de onde grande parte dos programas e animações retratados neste trabalho e exibidos em 90-00 são oriundos.

Por percepção da sociedade ocidental, tive o cuidado para que concomitantemente ao levantamento histórico, se realizasse um levantamento da percepção da grande massa quanto aos debates e temáticas ambientalistas em voga na época.

As buscas ocorreram durante todo o tempo de pesquisa, de Fevereiro de 2016 até Junho do mesmo ano. O levantamento buscou por artigos publicados em revistas, livros, teses e dissertações, programas infantis, animações, filmes seriados relacionados ao tema. As ferramentas de busca utilizadas foram: *Google Acadêmico*, *Scielo* e *Scopus*. Também foi utilizado o buscador comum do *Google* para a pesquisa de livros relacionados e as pesquisas de mídia, porém parte delas também foram encontradas

devido aos relatos dos entrevistados. As pesquisas em todas as plataformas envolveram as palavras-chave: Ambientalismo, Conservação, Era da Ecologia, Gaia, Guerra Fria, História de Movimentos Ecológicos, Influência Midiática, Mídia, Pós Segunda Guerra, Preservação. As pesquisas ocorreram também com os equivalentes das palavras-chave citadas em inglês. As palavras-chave foram utilizadas tanto juntas quando separadamente para obtenções de resultados diferentes. No total, as buscas revelaram uma parcela muito pequena de trabalhos e livros encontrados, mas estes introduziam a outros e deste modo foram-se incrementando mais publicações e conteúdos a pesquisa bibliográfica. Também vale ressaltar que a maior parte dos trabalhos encontrados surgiram através das buscas na língua inglesa.

Também foi utilizado o aplicativo *Kindle* para computadores *Windows*, onde utilizando o banco de dados de livros digitais da Amazon foram encontrados livros sobre o tema.

2.2 ANÁLISE DE ANIMAÇÕES

Para conteúdos televisivos da década de 1990 e 2000, foram pesquisados os programas exibidos nas redes de programação televisiva tanto aberta quanto particulares voltados para o público infantil, em forma de programas infantis, animações, seriados, filmes ou documentários. A pesquisa se deu tanto por consultas pelo buscador de internet Google quanto pela citação dos programas pelos próprios entrevistados, assim como da memória dos realizadores deste trabalho. Escolheu-se por ampliar a área de consulta para além da década de 1990 pelo fato de que alguns dos entrevistados, assim como uma parcela considerável da geração de 1990 nasceram do meio ao fim da década, tendo como anos de infância e crescimento mais importantes e memoráveis presentes na década de 2000.

Para a análise das animações foram selecionados alguns episódios ou trechos das mesmas que reflitam ideais ambientalistas ou trabalhem uma questão ecológica, além de relacionados a teorias ou metáforas de ambientalistas influentes no momento da produção das animações. Os conteúdos escolhidos foram:

- **Pica Pau (Woody Woodpecker)**

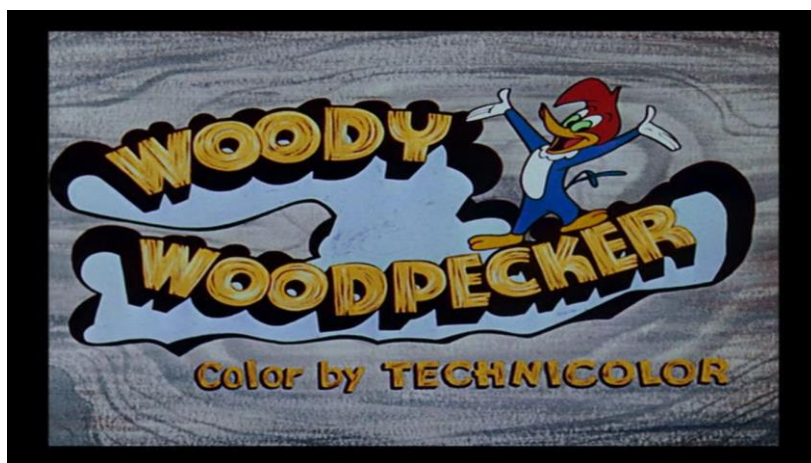


Figura 2 - Fonte: <http://kisscartoon.me/Cartoon/Woody-Woodpecker> (2016)

A animação produzida pela companhia Walter Lantz Productions (Figura 2), teve início em 1940 e chegou ao Brasil em 1957. De todas as animações citadas neste trabalho, esta poderia ser considerada a que teve inicialmente uma menor consideração envolvendo questões ambientais, inclusive devido a seu ano de início de produção, momento em que ainda não haviam se iniciado as correntes de discussão ambientalistas nos Estados Unidos.

• Em Busca do Vale Encantado (The Land Before Time)



Figura 3 - Fonte: http://videosinfantis.pt/wpcontent/uploads/2013/09/em_busca_do_vale_encantado_4.jpg (2016)

Em Busca do Vale Encantado (Figura 3) foi uma série com um total de 13 filmes produzidos pela Universal Studios, o primeiro sendo lançado em 1988, o sucesso também levou a uma criação de uma série com 26 episódios. O enredo de todas as animações se passavam ao redor de seis personagens principais, todos filhotes de dinossauros.

• Capitão Planeta (Captain Planet And The Planeteers)



Figura 4 - Fonte: <https://jovemnerd.com.br/wp-content/uploads/captain-planet.jpg> (2016)

Nesta animação criada pelo empresário Ted Turner¹⁶ em 1990, cinco jovens de diferentes continentes do globo (Figura 4) são escolhidos por uma figura feminina que representa a “Mãe Natureza” para agirem como defensores dos recursos naturais e ecossistemas do planeta através de poderes atribuídos a eles pela fugira feminina (Terra, Fogo, Vento, Água e Coração).

• A Pequena Sereia (The Little Mermaid)



Figura 5 - Fonte: <http://www.trbimg.com/img-57044de7/turbine/la-et-cm-disney-little-mermaid-hollywood-bowl-20160405> (2016)

A série animada baseada no filme homônimo de sucesso estreou em 1992 e foi produzida pela Walt Disney Television. A série conta situações do cotidiano de Ariel (Figura 5), uma princesa sereia (filha do rei Tritão) que sonha em conhecer o mundo humano. No seriado, os personagens são todos representados pelas sereias (homens e mulheres) e animais no oceano, não existindo nenhum personagem humano presente na trama da série, como presente no filme. A série teve três temporadas, todas exibidas em emissoras brasileiras.

• Free Willy (Free Willy)

¹⁶ Empresário e magnata da mídia americana, possui uma entidade filantrópica inteiramente voltada para questões socioambientais, a “Turner Foundation”.



Figura 6 - Fonte : <https://www.youtube.com/watch?v=FFMXKb9OAVE> (2016)

Esta série também baseada em um produto prévio de sucesso no mercado midiático iniciou-se em 1994 e foi produzida pelo estúdio Regency Enterprises. O enredo segue a história de uma baleia orca chamada Willy e o humano Jesse (Figura 6) que possuem um vínculo forte de amizade; a série segue dois momentos no enredo, no primeiro ambos se encontram em uma reserva ambiental e no segundo a trama se muda para o Ártico.

• O Rei Leão (The Lion King)



Figura 7- Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/2/23/LionKingCharacters.jpg> (2016)

Esta obra produzido pelo estúdio Walt Disney Feature Animation, em 1994, foi exibida nos cinemas de todo o mundo e repercutiu em um grande sucesso de vendas, fora isso também foi vencedor de dois prêmios Oscar e um Globo de Ouro. Com um enredo claramente inspirado na obra Hamlet de Shakespeare, o longa metragem apresenta a história de Simba, um príncipe leão de um reino composto por animais (Figura7). Simba teve seu pai (o rei) assassinado por seu tio que almejava tomar o trono para chegar ao poder, o príncipe então foge do reino e se culpabiliza quanto a morte do pai até que o mesmo se apresenta ao filho em forma de espírito e pede para que ele retorne e retome o trono que lhe é de direito.

- **Pocahontas (Pocahontas)**

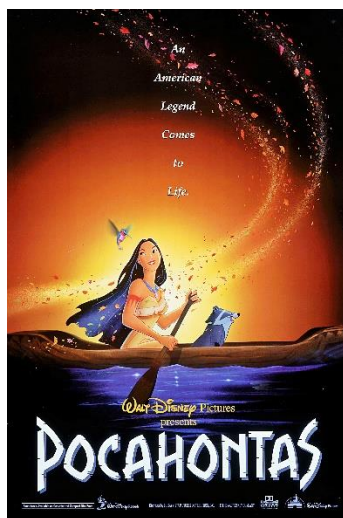


Figura 8 - Fonte : <http://pop-break.com/wp-content/uploads/2015/03/f299dcf7142385724f41acd8e01cbe09.jpg> (2016)

Outra animação de longa metragem dos estúdios Walt Disney Feature Animation, esta exibida nos cinemas no ano de 1995. A história se inspira no conto real da nativa norte americana Pocahontas (Figura 8) que se relaciona amorosamente com um colonizador inglês. O enredo se reproduz baseado no período pré-colonial americano com ênfase na história de “amor proibido” entre indivíduos de diferentes grupos sociais e étnicos enfrentado por Pocahontas.

- **Pokémon (Pokémon)**



Figura 9 - Fonte : <http://myvideogamenews.com/wp-content/uploads/2015/06/Pokemon-logo.gif> (2016)

A animação foi lançada em 1997 em todo o mundo e se originou a partir do sucesso dos jogos de mesmo nome. Para este exemplo, será citado tanto a animação quanto a série de jogos, pois ambas se complementam. A série animada se baseia na jornada de Ash, um adolescente que viaja o mundo ao lado de seu Pokémon Pikachu (Figura9) tentando se tornar o mestre Pokémon. No universo da série não é explicitado a existência de animais comuns (os presentes no mundo real), supondo-se então que estes são substituídos pelos seres chamados Pokémon. Tanto a animação quanto os jogos são

produzidos até os dias atuais, já tendo rendido para a empresa criadora “Game Freak” cerca de 2 bilhões de dólares apenas no ano de 2014, sendo considerada a segunda franquia mais lucrativa da história na indústria de jogos, perdendo o primeiro posto apenas para a franquia de jogos “Super Mario”.

A franquia possui uma influência tão grande sobre a cultura pop que 10 dos personagens da mesma foram selecionados para mascotes oficiais do time de futebol do Japão na Copa do Mundo FIFA 2014 (<http://www.gamespot.com/articles/pikachu-is-japan-s-awesome-mascot-for-fifa-world-cup-2014/1100-6418347/>).

• Os Thornberries (The Wild Thornberrys)



Figura 10 - Fonte : https://shoutfactory-productionsite.s3.amazonaws.com/system/asset/file/34d8e3af7fb38e1776444895440195bb/product_detail_3162030205001_3595965746001_826663125054.jpg (2016)

A série animada criada em 1998 pela companhia Nickelodeon acompanha uma família (Figura 10) que viaja pelo globo produzindo documentários sobre vida selvagem. No início da trama, a personagem principal salva um javali que acaba por se revelar um xamã africano disfarçado em forma de animal. O xamã então concede à personagem a habilidade de falar com animais, contanto que a mesma nunca revele a outros humanos que possui este poder.

• Fantasia 2000 (Fantasia 2000)

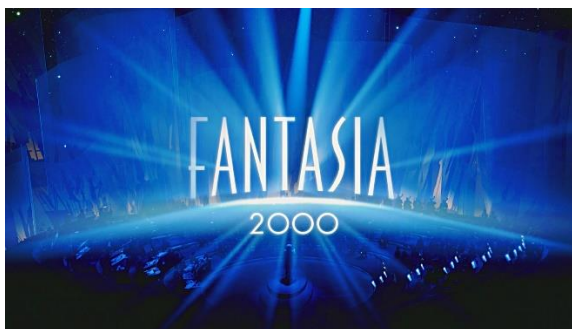


Figura 11 - Fonte: <http://s196.photobucket.com/user/LukeFarookhi/media/2000.jpg.html> (2016)

O longa metragem produzido em 1999 (Figura 11) segue a linha de seu antecessor Fantasia de 1940 sendo composto por sete curta metragens sem conexão de

enredo e possuindo características estéticas individuais. A trilha sonora é totalmente composta por orquestra que é ritmada com os movimentos dos personagens, não havendo a presença de falas. Para este trabalho será focado apenas o segmento intitulado “*Firebird*”.

O último dos curtas no filme, “*Firebird*”, apresenta a história de uma figura feminina que surge através do suspiro de um alce em um pedaço de gelo.. A formação da imagem feminina após o degelo se segue com o florescimento da flora local, junto com o derretimento da neve, simbolizando a transição das estações e o fim do inverno.

Em seguida, a figura simbolizando a natureza se depara com um pássaro de fogo que representa a erupção de um vulcão (Figura 29), que devasta todo o ambiente em lava e chamas. Na cena seguinte, a imagem feminina retorna através das cinzas e novamente a floresta é restaurada, fechando um novo ciclo de destruição e propagação da vida.

• **Meu Amigo da Escola é um Macaco (My Gym Partner’s a Monkey)**



Figura 12 - Fonte: <http://tbsila.cdn.turner.com/toonla/images/cn30/content/35/downloadable/wallpaper-my-gym-partner-is-a-monkey/portuguese/gym.down.wall.school.1024x768.jpg> (2016)

A animação foi criada em 2005 e exibida no canal Cartoon Network. É narrada a história de um menino chamado Adão Leão (Figura 12), que devido ao seu nome incomum foi alocado em uma “escola de animais”. Juntamente com os colegas de classe da escola fictícia, situações envolvendo comportamentos de animais e a interação de animais e humanos se desenrolam e geram situações humorísticas ao longo dos episódios da série.

2.3 ENTREVISTAS

Como próximo passo na obtenção de dados para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o objetivo de investigar

através das memórias relatadas pelos entrevistados: as principais influências e recordações midiáticas que estiveram envolvidas na sua infância e início de adolescência, a percepção dos entrevistados sobre as mensagens de cunho ambiental que permeavam as mídias analisadas tanto durante a época da exposição aos mesmos quando atualmente, a importância dos fatores analisados no processo que levou a escolha de cursos dos entrevistados ao ingressar na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a relevância das relações inter pessoais e o cotidiano *versus* a relevância do meio escolar na formação dos valores ambientalistas e a auto definição dos mesmos quanto a posição ambientalista.

O método de entrevista semiestruturada, muito utilizado em pesquisas da educação e sociologia, foi escolhido pelo fato de conferir uma maior flexibilidade de perguntas por deixar em aberto a possibilidade de inserção de novas questões ao longo da entrevista e, principalmente, por entrevistas possuírem um teor qualitativo muito mais evidente do que apenas a aplicação de questionários. Entrevistas se aproximam muito mais do *verstehen* de Dilthey¹⁷, sendo um método de *sociologia compreensiva*¹⁸, e assim sendo ela busca, segundo Mirian Goldenberg: “compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado” (GOLDENBERG, 2004).

Os participantes escolhidos para a entrevista foram filtrados pelos seguintes critérios: ser estudante atualmente matriculado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a fim de delimitar um grupo de estudo; ter nascido entre 1989 e 1999, a fim de conter nas entrevistas apenas representantes de uma geração cuja infância foi permeada pelos anos 1990 e 2000; e por fim, ter sua infância marcada como um telespectador, para analisar a influência da mídia televisiva, faz-se necessário que o entrevistado tenha vivenciado a mesma.

Foi também delimitado o número de nove participantes para serem entrevistados, divididos em dois grupos, para obter dois perfis diferenciados para comparação nas análises. Em um grupo, cinco entrevistados pertencentes à área de Ciências Biológicas e no segundo grupo, entrevistados pertencentes às áreas de Ciências Exatas e de Ciências Humanas (dois entrevistados em cada área).

¹⁷ Dilthey diferencia o método das ciências naturais como a busca de generalizações e descoberta de regularidades (*erklaren*), do método das ciências sociais que busca a interpretação das experiências dos indivíduos a serem estudados dentro de seus contextos (*verstehen*).

¹⁸ A sociologia compreensiva se aproxima muito mais de *verstehen* do que de *erklaren*, e se contrapõe com a sociologia positivista.

Foi realizada, em um primeiro momento, uma entrevista piloto que servisse de teste para o roteiro semiestruturado, com um entrevistado nascido em 1987, da área de Ciências Biológicas (Entrevistado 7), contudo como considerei seu relato interessante para as análises, e que ao todo não fugia do critério principal (ter vivenciado a mídia televisiva da época), as informações coletadas nesse entrevista foram mantidas na pesquisa.

Dos nove entrevistados, quatro foram entrevistados pessoalmente e três através de vídeo conferência pelo programa de computador Skype, tendo em ambos os casos suas falas gravadas com o auxílio de aplicativos de gravação para celular, os outros dois responderam a entrevista através de bate-papo via Facebook. No caso das entrevistas realizadas pessoalmente, as mesmas foram realizadas em locais escolhidos pelos participantes, sendo estes o alojamento masculino M6 da UFRRJ e o Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS).

Para a realização das entrevistas semiestruturadas um roteiro pré-estabelecido foi elaborado contendo sete tópicos necessários como categorias de análise (Anexo 1), porém as entrevistas não permaneceram restritas pelos menos, podendo ser orientada pelo entrevistador de forma mais flexível, como caracteriza o método semiestruturado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a apresentação dos resultados e discussão, a presente seção encontra-se dividida em três subunidades referentes as mesmas presentes na metodologia, uma representando a revisão bibliográfica com a análise dos conteúdos televisivos infantis selecionados¹⁹, outra contendo os resultados pertinentes as entrevistas e uma terceira propondo uma discussão sobre o poder de influência dos discursos ambientalistas ao longo das décadas do levantamento histórico, com uma pequena menção a tempos atuais.

3.1 ANÁLISE DOS CONTEÚDOS MIDIÁTICOS

¹⁹ Vale lembrar que a revisão bibliográfica aqui presente apresenta apenas a análise dos conteúdos televisivos, já que a apresentação do levantamento histórico e abordagem de temas como educação ambiental e outros foram expostos ao longo da introdução.

Os conteúdos midiáticos a serem analisados estão citados em seus nomes originais como exibidos tanto nas emissoras televisivas brasileiras ou quando em salas de cinema do país (com uma exceção em particular, ao final da lista), e estão organizados em ordem cronológica quando a seu início de produção. Os conteúdos analisados foram:

• O Pica Pau (Woody Woodpecker)

Inicialmente, em 1939 o personagem Pica-Pau era um personagem secundário da animação “Andy Panda”, e teve sua primeira aparição no 5º episódio da série do mesmo. Apenas após, em 1940 que o personagem ganharia uma animação apenas para si como personagem principal, onde era retratado como uma personagem louca, típico de desenhos da época (Figura 14), assim como personagens famosos de outras animações (Pernalonga e Patolino (Figura 14) são bons exemplos do mesmo). Durante este momento, dificilmente era percebida qualquer conceituação ou temática ambiental, ou menção a natureza além da figura louca, indomável e selvagem dos personagens principais.

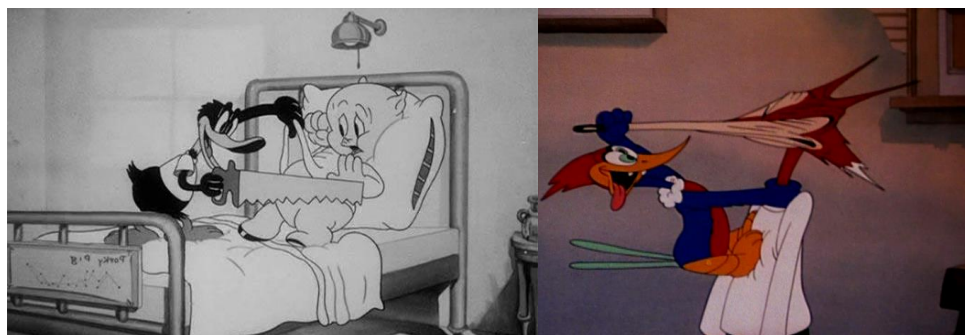


Figura 14 - Antigo desenho do patolino.

Pica-pau original, de 1941.

Fonte: <http://www.cartoonbrew.com/classic/daffy-duck-crazy-laugh-supercut-108477.html> (2016)

<http://tortolatailspin.onmason.com/2012/02/26/5-woody-woodpecker-the-survivor/> (2016)

Num segundo momento, já em 1955, alguns anos após o início das discussões sobre o tema nos EUA e após a publicação do “*Fundamentals of Ecology*” de Odum (1953), já podem ser observadas algumas ideias a favor da imagem natural ao longo de episódios, possivelmente influenciadas ainda que indiretamente pela impacto desta publicação na sociedade. Como exemplos, no episódio “*The Tree Medic*” (1955) um personagem novo é introduzido como um “médico de árvores”, dando a ideia do ambiente natural como necessário de cuidados, além de ao longo de todo o episódio, os seres vivos presentes serem retratados com características humanas (humanizando até mesmo a árvore principal, com uma piada comparando sua raiz a uma perna humana – Figura 15).



Figura 15 - O Pica-Pau - Episódio 67

Fonte: http://www.toon.is/woody-woodpecker-67-the-tree-medic-video_a739f447f.html (2016)

Em outro episódio, “*Tree’s a Crowd*”, este de 1958, o personagem principal se depara com um jardim botânico pertencente a um magnata, o qual ele deseja destruir e o magnata põe seu cão para caçar o pica-pau. Embora o episódio passe a mensagem errônea de que o pica-pau se alimente de madeira, e põe o personagem principal e o personagem humano como inimigos, ainda é importante observar a valorização da figura da árvore pelo personagem humano (Figura 16), além novamente da humanização do cão, que embora esteja utilizando de demonstrações de violência particulares a este tipo de animação com o personagem principal, ainda se mostra preocupado e arrependido ao considerar por um momento ter causado a morte do pássaro (Figura 16).

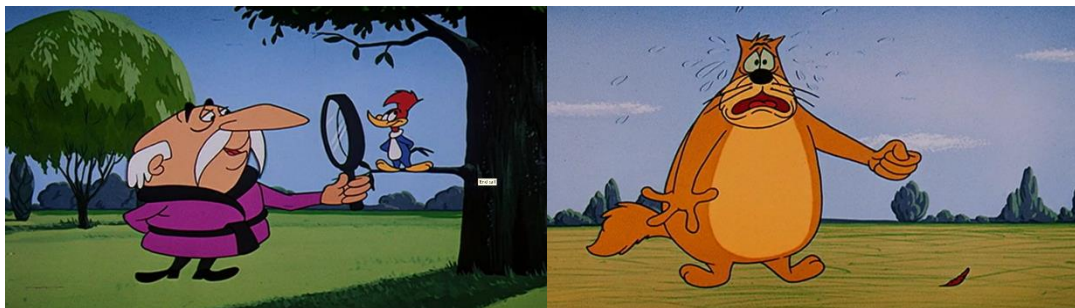


Figura 16 - O Pica-Pau - Episódio 89

Fonte: http://www.toon.is/woody-woodpecker-89-trees-a-crowd-video_9d3f6919e.html (2016)

Como um terceiro exemplo desta segunda fase da animação, gostaria de elucidar o episódio “*Freeway Fracas*”, que foi lembrado por todos os entrevistados, assim como pelo próprio autor, no qual uma auto estrada seria construída no local da árvore onde o personagem principal residia, porém o personagem se recusava a se retirar do abrigo e logo foi necessário a construção de uma estrada curva para a manutenção da árvore, protegendo a mesma.

Para finalizar, numa terceira fase do programa, em 1999, no episódio “*Teacher’s Pet*” pode ser observado uma grande diferença na presença de ideais ecológicos se comparada a fases anteriores, após décadas sobre a influência de debates

sobre questões ambientais. No episódio em questão, uma figura feminina similar a uma fada e responsável pela manutenção do equilíbrio ecológico, fiscaliza os papéis desempenhados pelos animais presentes e conclui que o personagem principal não está cumprindo com seu papel ecológico, necessário para o equilíbrio através da cooperação de todos como explicitado por ela (Figura 17). Seguido disso ele é então ordenado a passar por uma “reabilitação” onde ele aprenderia a importância do seu papel.



Figura 17 - O show do Pica-Pau – Temporada 2 Episódio 18
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=32su7GTL4Tk> (2016)

Para fechar o tópico sobre esta animação, embora o autor creia que possivelmente houve uma inspiração para a criação de personagens animais humanizados (Pica-Pau, Pernalonga, Patolino, Ligeirinho, Mickey) nas obras de Jean de La Fontaine²⁰ (embora as animações não sejam necessariamente carregadas de cunho moral), ainda pode ser considerada uma influência sobre a visão ambiental da sociedade nos mesmos, fato considerado através da comparação entre os estilos de animação antes e após o início das discussões ambientalistas.

• Em Busca do Vale Encantado (The Land Before Time)

O importante a ser ressaltado nesta série de filmes é o fato de embora os personagens protagonistas apresentarem características antropomórficas, estas são de tal modo apenas para estabelecer uma conexão entre os personagens e o público infantil. No geral não há exageros de antropomorfismo como o uso de mãos para manuseio de objetos ou a inserção excessiva de elementos culturais da sociedade humana no enredo. Grande parte do enredo dos filmes aborda de forma clara muitos conceitos ecológicos como migração, competição e extinção de espécies.

Em todos os filmes e episódios do seriado, o elemento humano nunca é considerado, sendo os fatores que desenrolam a trama sempre baseados em eventos

²⁰ Escritor francês nascido em 1621, famoso por suas fábulas com animais como personagens humanizados e a constante presença de uma moral em seus contos.

naturais como uma seca, uma era de glaciação, conflito com predadores, encontro com outros grupos de animais da mesma espécie e uma queda de meteoro.

Este tipo de animação reflete bem a influência nas décadas consecutivas da “Era da Ecologia”, onde seria inconcebível imaginar roteiros para filmes infantis com tamanha maturidade e esclarecimento ecológico antes da década de 70. Um bom exemplo que pode ser citado encontra-se no oitavo filme da série “A Grande Nevasca” (Figura 18), onde o local de vivência do grupo de dinossauros enfrenta uma mudança climática, levando os protagonistas a uma migração durante toda a extensão do filme.



Figura 18 - Em Busca do Vale Encantado VIII: A Grande Nevasca

Fonte: <http://cinema10.com.br/filme/em-busca-do-vale-encantado-viii-a-grande-nevasca> (2016)

Certamente ocorrem equívocos como a relação entre espécies abordada na série, e nem todos os fatores da trama cercavam conceitos ecológicos mas também comumente existia uma moral ao fim do longa metragem, porém considerando-se uma animação voltada especificamente para o público infantil, certas abordagens para a conexão com os personagens são necessárias.

• Capitão Planeta (Captain Planet And The Planeteers)

A animação é uma excelente representação dos frutos gerados através do engajamento político e trabalhos de ecologistas e cientistas em geral empenhados em questões ambientalistas das décadas precursoras. Em todos os episódios da série são abordados temas intrinsecamente ligados à proteção de recursos naturais dentro do enredo. Assuntos como reflorestamento, incêndios florestais, manejo de recursos hídricos, poluição de vários tipos, uso de combustíveis fósseis, chuvas ácidas e acúmulo de lixo tóxico radioativo são frequentes em praticamente todos os episódios da série animada.

Antes de finalizar a análise, é importante também ressaltar a certa influência que a Teoria de Gaia de Lovelock teve na criação desta animação (o que reflete de certa

forma o quanto a ideia de Gaia de Lovelock foi importante para espalhar conceitos ambientalistas para as grandes massas). Não somente a natureza é retratada como um humano do sexo feminino (Figura 19), mas também é dita como o “espírito da Terra”, conferindo a personagem um status divino e espiritual (assim como alguns atribuíram a teoria de Lovelock).



Figura 19 - Capitão Planeta – Temporada 1 Episódio 1
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qMIEshY70XI> (2016)

Além de uma figura feminina, a natureza também é retratada como um espírito materno para os seres humanos, o que pode ser evidenciado logo no primeiro episódio da animação onde a personagem Gaia possui a seguinte fala:

O que está acontecendo? São aqueles pobres e idiotas dos humanos, eles vão destruir o planeta se continuarem deste jeito. O que faria uma boa mãe? Parece que dormi demais, mas quantos estragos eles podem ter feito em um século? Mas é pior do que eu pensava, a Terra está morrendo !

A fala da personagem deixa clara a personalidade materna da mesma, assim como também estabelece uma crítica à revolução industrial e os modos de produção poluentes através do trecho “mas quantos estragos eles podem ter feito em um século?”.

• A Pequena Sereia (The Little Mermaid)

Embora de maior enfoque comercial que os exemplos prévios (como um reuso da imagem de uma personagem já lucrativa para a empresa), era comum em episódios da série questões sobre poluição dos oceanos serem tratadas (Figura 20), majoritariamente como sendo obra do antagonista, o personagem Manta. Além das relações de amizade que a personagem principal construía com os animais antropomorfizados presentes na animação (Figura 20).



Figura 20 - A Pequena Sereia A Série – Temporada 3 Episódio 3

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=n3pYDax8eg4&list=PL2888404559490D25&index=5> (2016)

• Free Willy (Free Willy)

A animação, embora demonstrasse uma relação entre homem e animal de uma forma um tanto equivocada (oscilando entre uma relação de “animal de estimação” e uma amizade humana, com a personagem orca mentalmente antropomorfizada), ainda é válido que isso se deu com o intuito de promover uma aproximação com o telespectador, além de seguir os parâmetros estabelecidos pela marca nos filmes anteriores.

A série aborda constantemente temas voltados à poluição marinha (Figura 21), e instituiu uma característica positiva ao personagem principal relacionada a sua preocupação para com os animais e o meio ambiente, chamada na série de “pureza do coração”, que lhe conferiria a habilidade de se comunicar com os animais. É importante observar também a forma interessante e talvez subjetiva no qual a relação “Orgânico vs Máquina” é mencionada ao longo da série, possivelmente inspirada pelas ideias das discussões de Odum e Lovelock que resgatavam essa organicidade do ambiente natural em contraposição com a mecanicidade newtoniana ao qual o meio ambiente havia sido relacionado previamente; esta relação é abordada através do conflito entre os personagens principais humanos e animais e o personagem antagonista nomeado literalmente de “A Máquina” (Figura 21).



Figura 21 - Free Willy – Temporada 1 Episódio 2

Fonte : https://www.youtube.com/watch?v=2_2fjAnOF1w (2016)

Embora neste caso também exista um maior interesse comercial através do reuso de uma imagem previamente lucrativa para a empresa, ao contrário de A Pequena

Sereia, toda a trama circula em torno de questões relacionadas à proteção do meio natural, e não é apenas um fato mencionado ao longo da série.

• O Rei Leão (The Lion King)

No início do longa metragem é passado ao espectador uma forte mensagem de respeito ao meio natural que se mescla com conceitos ecológicos do ciclo de matéria de energia. Além disso, a mensagem de certa forma também põe o espectador (através da aproximação com o personagem principal) em uma reflexão quanto ao seu *status* de equidade perante outros seres vivos, sendo todos integrantes de um mesmo ciclo (Figura 22). Essa mensagem pode ser observada no seguinte diálogo entre Simba e Mufasa (o rei) no minuto 09:43 da animação:

— Tudo que está vendo existe num equilíbrio delicado. Como rei você precisa compreender esse equilíbrio e respeitar todas as criaturas, da formiga que “rasteja” ao antílope que salta.

— Mas pai não comemos os antílopes?

— Sim Simba mas deixe-me explicar. Quando morremos, nossos corpos viram grama, que os antílopes irão comer. Estamos todos interligados no grande ciclo da vida.



Figura 22 - O Rei Leão
Fonte: <https://www.netflix.com/br/> (2016)

Durante o restante da animação, o enredo shakesperiano se desenrola sem mais menções a conceitos ecológicos além do citado anteriormente. Também é claro, novamente a presença de animais de características antropomórficas gera uma maior afinidade do espectador para com os personagens e, embora possa promover uma simpatia maior do público com animais selvagens, provavelmente essa questão não foi estruturada com este propósito.

• Pocahontas (Pocahontas)

O enredo desse longa metragem envolve diretamente mais questões étnicas e sociais do que ambientais, porém os mesmos ainda são repassados ao longo da

narrativa. Novamente, uma narrativa envolvendo a relação entre um humano de índole “pura” com animais de várias espécies é explorada, considerando fatores positivos de uma relação amistosa entre um humano e seres do mundo natural.

Em alguns trechos pode ser observado a temática do mundo natural sendo relacionada ao mundo espiritual, a valorização do ambiente natural, assim como a equidade entre os seres humanos e outras formas de vida do ambiente natural (Figura 23). Essas duas afirmações podem ser retificadas através da canção “Cores do Vento” presente aos 40:00 minutos do longa metragem, podendo ser observado durante o seguinte trecho da música:

Correndo pelas trilhas da floresta,
Provando das frutinhas o sabor,
Rolando em meio a tanta riqueza,
Nunca vai calcular o seu valor.
A Lua, o Sol e o rio são meus parentes,
A garça e a lontra são iguais a mim,
Nós somos tão ligados uns aos outros,
Neste arco, neste círculo sem fim.

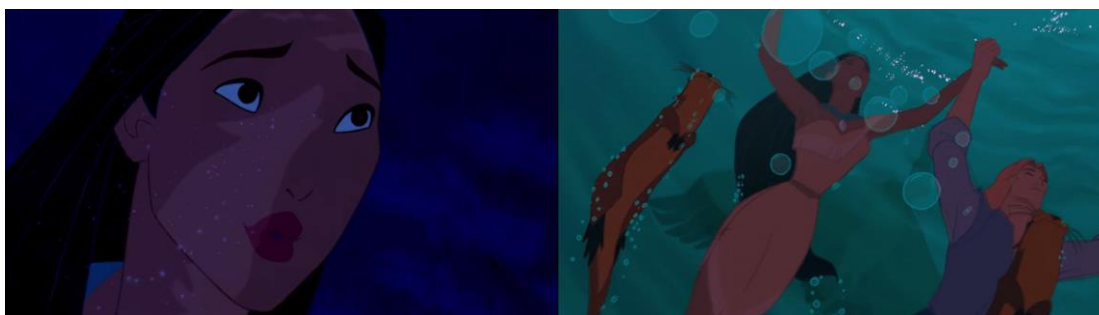


Figura 23 - Pocahontas
Fonte: <https://www.netflix.com/br/> (2016)

• **Pokémon (Pokémon)**

A franquia está envolta em polêmicas envolvendo direito dos animais e já foram acusados de promover o uso de animais para a violência e a atividade de rinhas de briga (já que no enredo Pokémons batalham uns contra os outros). A franquia se justifica de que este não é o foco no enredo do universo, mas que foi adicionado apenas para fins de jogabilidade, onde o jogador deveria utilizar estratégias diferentes para vencer batalhas. Além disso em nenhum momento é explicitado que Pokémons são forçados a batalhar entre si, como é percebido no primeiro episódio da animação onde o personagem Pikachu decide não obedecer ao protagonista Ash e entrar em uma batalha. Sendo assim, as batalhas são vistas como um esporte no universo da franquia, e a relação entre humanos e Pokémons são sempre reforçadas como sendo relações de

amizade e companheirismo, com os humanos demonstrando constantemente preocupação e afeto aos Pokémons (Figura 24).

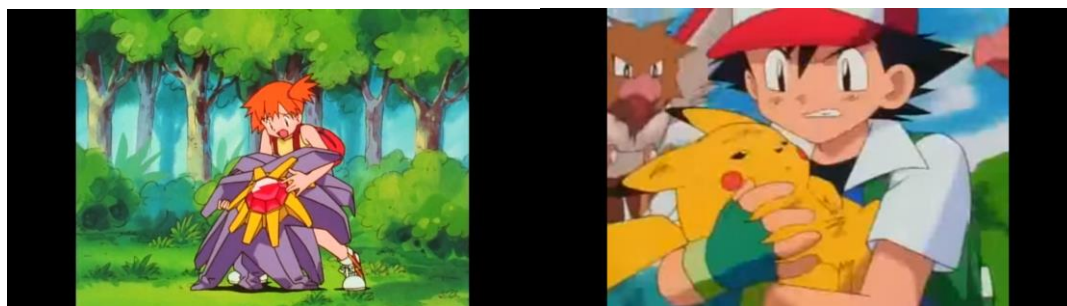


Figura 24 - Pokémon Temporada 1 Episódio 10 Pokémon Temporada 1 Episódio 1
Fonte: <https://www.netflix.com/br/> (2016)

A forma como a franquia trabalha essa relação entre humanos e “animais” (representados ali como Pokémons), também fica clara ao longo dos dois primeiros títulos de jogos lançados para as plataformas Game Boy e Game Boy Color. Nos jogos Pokémon Blue/Red/Yellow e Pokémon Gold/Silver/Crystal existe uma rivalidade entre um personagem não jogável (um personagem dentro do jogo, que faz parte do enredo e é controlado pela inteligência artificial do mesmo) e o personagem assumido pelo jogador, durante trechos do enredo principal das tramas existem os seguintes diálogos:

— Gary, você entende porque perdeu? Você esqueceu de tratar seus pokémons com amor e confiança. Sem isso você nunca irá se tornar um campeão.

— Red, você entende que a sua vitória não foi somente sua. Os laços que você criou com seus pokémons são maravilhosos. (Pokémon Red/Blue/Yellow) (Figura 25)

— Por que eu perdi? Eu não compreendo. Será porque o que Lance disse é verdade? Que eu não trato meus Pokémons corretamente ? Amor ? Confiança ? Será mesmo que é isso que me falta ? É isso que me impede de vencer ? (Pokémon Gold/Silver/Esmerald) (Figura 25)



Figura 25 - Pokémon Gold/Silver/Crystal Pokémon Red/Blue/Yellow
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MEhOgmkuMuv> (2016)
<https://www.youtube.com/watch?v=ApoXjyiBnew> (2016)

Além das mensagens demonstradas acima pela franquia ela também, em alguns episódios da série animada, relaciona alguns características de animais reais a pokémons presentes, assim de certa forma informando ao espectador (que pode facilmente relacionar os pokémons a animais reais), como exemplo no episódio 18 da primeira temporada o Pokémon Horsea é descrito como “Um Pokémon que pode depositar centenas de ovos. Após, os ovos são carregados em uma bolsa pelo macho.”, descrevendo um comportamento reprodutivo de espécies da família Syngnathidae (cavalos-marinhos), facilmente relacionada ao Pokémon Horsea pelo espectador (Figura 26).

No mesmo episódio ainda é trabalhado a questão de destruição de habitats naturais onde animais são forçados a invadir o meio urbano. Na trama, a construção de um resort de luxo é responsável pela degradação de um recife de corais, o que força pokémons chamados Tentacool (inspirados por cnidários) a invadir a cidade local (Figura 26). Os personagens principais conseguem se comunicar com os “animais” e descobrem o motivo da invasão como sendo a destruição do habitat, convencendo a população local a parar a construção do resort.



Figura 26 - Pokémon Temporada 1 Episódio 18
Fonte: <https://www.netflix.com/br/> (2016)

Já no episódio 29 da primeira temporada da animação, também há a referência da poluição promovida pela industrialização exacerbada (Figura 27). Como é demonstrado pelos diálogos entre os protagonistas no início e final do episódio:

- Era um lugar cheio de vida com todas essas fábricas aqui.
- É mas parece que exageraram nas fábricas, e a poluição arruinou o ar e a água daqui.
- Eu acho que não vamos encontrar nenhum Pokémon aqui.
- (...)
- Todos esses Grimers provaram que o oceano está totalmente poluído, vocês tem que limpar o mar por aqui, eu sei que podem fazer isso.

—Tem razão Misty. Nós vamos fazer todo o possível para que o oceano fique limpo de novo.
—Se limparem o ar e a água podem trazer uma vida nova para este lugar.
(Pokémon Temporada 1 Episódio 29)



Figura 27 - Pokémon Temporada 1 Episódio 29
Fonte: <https://www.netflix.com/br/> (2016)

Todos esses exemplos demonstram como a franquia abordava constantemente valores ambientalistas ao longo da série e jogos, o que atingiu milhões de espectadores durante as décadas de 1990 e 2000 considerando a gigantesca proporção no qual a franquia tomou durante as respectivas décadas. Nas entrevistas inclusive, a franquia foi mencionada por metade dos entrevistados quando perguntados quais animações mais lhes marcaram na infância, e era reconhecida por todos quando citada pelo entrevistador.

• Os Thornberries (The Wild Thornberrys)

A série trata constantemente de questões ambientais, de forma que são tantos os casos de episódios onde assuntos do tipo são trabalhados, que não seria possível, no espaço desse trabalho, enumerar e citar todos. A animação pode ser considerada como uma das mais, se não a mais influenciada pelas discussões sobre a crise ambiental. Embora séries como Capitão Planeta e Free Willy tenham abordado com a mesma frequência assuntos ambientalistas, as mesmas eram limitadas pelo pensamento que vilanizava a poluição e o desmatamento como o pior dos problemas causados ao meio natural pela interação humana, mas ao mesmo tempo praticamente ignoravam problemas como o tráfico de animais, a caça esportiva e danos psicológicos causados a animais silvestres forçados ao convívio humano.

Novamente a aproximação entre humanos e animais através da fala é usada, porém é um recurso meramente utilizado para o desenrolar do enredo já que esse fator pode ser praticamente ignorado comparado ao grande número de demais referências às questões ambientalistas presentes. Assim como são apresentadas elementos da

discussão ambientalista, conceitos de ecologia e comportamento animal frequentemente são usados ao longo dos episódios, informando o espectador sobre os mesmos. Como exemplos de questões e conceitos apresentadas ao longo da série estão: fatos sobre comportamento animal (Temporada 1, Episódio 3), tráfico de animais (Temporada 1, Episódio 5) (Figura 28), desmatamento (Temporada 1, Episódio 7), caça esportiva (Temporada 1, Episódio 9), desconstrução de paradigmas quanto a animais (Temporada 1, Episódio 12), migração (Temporada 1, Episódio 13), danos psicológicos causados a animais em cativeiro (Temporada 2, Episódio 6), estruturação social de primatas (Temporada 2, Episódio 7), destruição de habitats (Temporada 2, Episódio 11), derramamento de óleo (Temporada 2, Episódio 20) e animais em extinção (ao longo de vários episódios).

A série certamente teve seu ponto de influência nos espectadores da época, visto que tornou-se um sucesso que garantiu a permanência da mesma nas emissoras de televisão por cinco temporadas, além da produção de dois filmes. Dos entrevistados, apenas um mencionou a animação ao se recordar dos programas que assistia, porém a maioria recordava da mesma ao ser mencionada pelo entrevistador.



Figura 28 - Os Thornberrys Temporada 1 Episódio 5
Fonte: <http://kisscartoon.me/Cartoon/The-Wild-Thornberrys> (2016)

• **Fantasia 2000 (Fantasia 2000)**

A personagem principal do curta é demonstrada como feminina e claramente represente a natureza (Figura 29). A metáfora da natureza como uma imagem feminina resgata a ideia de Lovelock, além da questão de divindade e organicidade novamente sendo trabalhada. Mais uma vez é demonstrada a repercussão dos ideais de Gaia sendo repetidos décadas seguintes a sua menção.



Figura 29 - Fantasia 2000 – Firebird

Fonte: <http://www.thehunchblog.com/2014/06/fantasia-2000-i-fear-the-whale-overlords/> (2016)

• Meu Amigo da Escola é um Macaco (My Gym Partner's a Monkey)

A animação apresenta os elementos básicos de interação com animais antropomorfizados para conduzir seu enredo. Também é utilizada a figura metafórica de animais para o desenvolvimento de algumas questões sociais envolvidas com diversidade e respeito às diferenças (a escola possui uma grande variedade de alunos de espécies distintas de animais).

O interessante desta animação se baseia no ano que em foi produzida, em 2005, demonstrando ainda a permanência forte da estética ambiental na criação de animações, além do fato de que os personagens nesta série possuem suas personalidades baseadas em comportamentos reais dos animais pelos quais estão representados. Também são demonstrados alguns conceitos ao longo da trama, embora que superficialmente e sem o propósito educacional, mas sim com o de servir de apoio para o humor (Figura 30), como exemplos são: interferência humana na dieta de animais em cativeiro, animais em extinção, curiosidades e características de certos animais como troca de pele, hibernação e metamorfose.



Figura 30 - Meu Amigo da Escola é um Macaco Temporada 1 Episódio 2

Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=53SKIABgESQ&list=PLU8DBIPhcv4sbJm0LmcX9b16RRhmzR54p&index=4> (2016)

3.2 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Estão presentes na tabela 1 elementos observados ao longo das entrevistas com os 9 participantes.

Tabela 1: Observações sobre os entrevistados

	Categoria da graduação na UFRRJ	Se identifica com questões ambientalistas?	Relembrou por si só programas com questões ambientais?	Reconheceu os programas citados pelo entrevistador?	Vivenciou atividades de educação ambiental?	Infância em áreas rurais ou próxima de áreas de proteção?
Entrevistado 1	Exatas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Entrevistado 2	Exatas	Sim	Não	Não	Sim	Não
Entrevistado 3	Humanas	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Entrevistado 4	Humanas	Sim	Não	Sim	Sim	Não
Entrevistado 5	Biológicas	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Entrevistado 6	Biológicas	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Entrevistado 7	Biológicas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Entrevistado 8	Biológicas	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Entrevistado 9	Biológicas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Em comum, todos os entrevistados se identificavam como telespectadores durante a infância, assistindo diariamente entre 3 a 7 horas da programação. A mídia televisiva certamente foi presente na infância de todos, assim como explicitado pelos entrevistados:

Entrevistado 2 : Assistia muita televisão, todo o tempo que não estava na escola estava assistindo televisão.

Entrevistado 3: sim, muito, voltando da escola era de lei sentar de frente pra tv e ficar lá mofando, já passei tarde inteiras assistindo desenho quando estava nessa faixa de idade. Deviam ser umas 5, 6 horas diárias

Entrevistado 5: Nossa assistia muito, não sei definir, 5 horas por dia ou mais.

Entrevistado 6: Nossa, era muito tempo, deixa eu ver uma estimativa, eu acordava às 7 da manhã e assistia todos os desenhos da manhã, ahn sei lá umas 4 horas só de manhã porque de tarde não passava desenho. Não, eu assistia muito mais coisa, mas coloca uma media diária de 6 a 7 horas, era mais ou menos isso.

Entrevistado 7 : Sim eu assistia muito, acho que a tarde toda, talvez umas 6 horas

Entrevistado 8 : Ahn quando criança eu ficava a manhã inteira assistindo tv de 9 ao meio dia.

Dos programas televisivos mencionados pelos entrevistados, mesmo quando estes relatavam não se lembrar de nenhum episódio ou situação onde questões ambientais foram trabalhadas na mídia, ainda assim foram encontrados exemplos de questões ambientais nos mesmos, sendo possível que: os entrevistados não tiveram contato com os episódios onde essas questões são trabalhadas; ou tiveram contato com os mesmos na infância, porém estes não influenciaram ou marcaram a ponto de se tornarem marcas na memória dos mesmos.

Porém, mesmo com a mídia frequentemente presente no dia a dia da infância dos entrevistados, nem todos a consideraram relevante para a formação de sua consciência ecológica (visto que todos declararam possuir uma preocupação com a proteção ambiental). Sendo dos 9 entrevistados, 3 não consideraram a mídia como impactante na formação, dois deles sequer consideraram uma pequena participação da mesma, atribuindo todo o mérito para a educação ambiental a ele oferecida dentro da escola, e outro para o convívio com pessoas envolvidas em ONGs. O terceiro entrevistado a não considerar teve em sua opinião um posicionamento da mídia que deslegitimaria o possível impacto positivo causado pela mesma, a fala é transcrita abaixo:

Entrevistado 4 : Primeiro, a grande mídia faz muito, mas muito pouco uma conscientização ambiental. Pelo simples fato de ela ser patrocinada por grandes empresas, que a gente querendo ou não, detém o poder econômico. E aí discutir a mídia privada é discutir as políticas públicas criadas para a inserção de novos produtores. Eu acredito que elas (empresas televisivas) não vão fazer esse conscientização esperada pelas pessoas conscientes, pelo simples fato: são patrocinadas por empresas que poluem. Como as emissoras dependem de audiência, a internet de internauta e o jornal impresso de leitores. O discurso delas só serão modificados a partir de uma cobrança desses consumidores porque as empresas patrocinadoras vão querer SEMPRE agradar o maior público para vender o seu produto através da mídia.

Já dos 7 que consideraram como um fator de influência, o Entrevistado 8 carregava o mesmo pensamento que o Entrevistado 4 (citado anteriormente), como a mídia apresentando um maior enfoque comercial. Porém, na visão do Entrevistado 8, a

ausência de uma intenção educadora na mídia não impede seu fator de impacto. O trecho que se segue foi retirado após a pergunta do entrevistador: “E você acredita que a mídia televisiva teve algum papel na sua formação de consciência ou acha que a escola teve um papel mais influente?”

Entrevistado 8: Assim, em conservar o ambiente eu acho que foi dentro da escola. Em propagandas de televisão também a gente vê pra caramba, mas eu acho que a escola influenciou mais do que a televisão. A televisão ela algo mais comercial, então o que eu assistia, tipo animal planet e coisas assim eram mais curiosidades mas não tratam de conservação. Verdade agora que eu parei pra pensar né?

Seguindo a fala da entrevistada acima, quando perguntados se sentiam uma maior participação da escola ou da mídia na construção de valores ambientalistas, dos nove entrevistados, sete concordaram que escola foi tão ou mais importante, mesmo com relatos diferentes sobre a qualidade da educação ambiental apresentada aos mesmos durante o período escolar.

Entrevistado 6: Dentro da escola teve uma influência forte sem dúvida, eu acho que os dois se completam, acho que dentro da escola era uma coisa mais bem trabalhada, havia um direcionamento diferente da mídia televisiva entendeu. Na escola era exatamente o foco daquilo mas se complementam, são visões diferentes.

No caso dos dois entrevistados que não consideravam uma maior influência da escola do que da mídia, em ambos os casos foi relatada uma insatisfação com a aplicação da educação ambiental no ambiente escolar. Segundo os mesmos os eventos escolares relacionados ao tema eram esparsos demais, desinteressantes ou sem propósito, provavelmente oriundos de um mal planejamento pedagógico.

Entrevistado 3: Na escola só se tocava nisso (na temática ambiental) em momentos e matérias específicas, tipo nas aulas de ciência e no dia da Terra. Na tv a oferta de informação era muito maior e mais atrativa também.

Entrevistado 5: Eu acho que foi no dia da árvore, tinha passeata no dia do meio ambiente, do dia da árvore, alguma coisa que o colégio fazia que os alunos iam todos uniformizados, e cantavam “Terra Planeta Água”, mas era algo muito exterior sabe, era só uma imagem de ensinamento, mas que não tinha nada na verdade. Minha opinião sobre o meio ambiente eu

formei fora da escola. Opinião sobre meio ambiente eu tive zero na escola. (...) Mas foi só a aparência, não foi nada (quando perguntado sobre os eventos de “Dia do Meio Ambiente”, e “Dia da Árvore”). Parecia que era um evento só para mostrar, parecia muito isso. Um evento para ser mostrado, não havia muito uma coisa a ser trabalhada ou um ensinamento por trás. Por mais que sejam crianças, não havia nenhuma mensagem ali.

Quanto aos entrevistados que consideraram a escola como mais influente do que a mídia, dos 7 apenas a Entrevistada 7 relatou que a educação ambiental recebida por esta dentro da escola foi insatisfatória. Porém no caso desta, houve um contato com a educação ambiental através da participação em Organizações Não Governamentais.

Entrevistada 7: Eu como estudante de biologia acho super importante a educação ambiental para passar para as crianças mais novas essa informação, e até para os pais, acho super importante. Sempre tive esse interesse, essa de vontade de procurar grupos voluntários pra isso, participar de projetos de educação ambiental, sempre procurava pra poder participar antes de entrar na faculdade. Eu participei de um de educação ambiental na entidade lado verde que tinha no Tinguá, eu participei de lá algumas vezes de algumas palestras, algumas oficinas que tiveram lá, e foi bem interessante. E também tinha bastante coisa voltada para o público jovem, para o público infantil, tinha bastante coisa.

Já ao restante (seis dos entrevistados) que relatou satisfação quando à educação ambiental recebida por eles na escola, dois deles (Entrevistados 1 e 2) expuseram a existência de uma disciplina inteiramente voltada para a educação ambiental (frequentaram o mesmo ambiente escolar) presente em sua grade curricular, e o Entrevistado 9 relatou a integração entre a escola e a reserva florestal local, com uma constante elaboração de eventos dentro da reserva onde os alunos participavam juntamente com outros moradores locais. Os outros entrevistados (4, 6 e 8) relataram a elaboração e eventos periódicos ao longo do ano nas atividades escolares, como por exemplo dia da Terra, semana do meio ambiente, dia da árvore e semana da feira de ciências.

Entrevistado 1: Então, algo muito interessante era que no meu colégio de antes eu tinha uma matéria chamada educação ambiental. Na quinta e sexta série que assim pouquíssimas pessoas sabem disso, e lá a gente tinha, a gente via muito isso sabe.

Entrevistado 2: Eu lembro da aula de educação ambiental, da feira de ciências. Eu lembro de um evento que a gente fez na feira de ciências um teto solar em uma casa, e foi muito legal, então eu acho que a escola foi que marcou mais essa parte pra mim.

Entrevistado 9: Dentro da escola e devido ao contexto em que a minha cidade esta inserida . Na minha cidade eu fiz parte da ONG Nova Cambuquira que visa, e até hoje eu ainda faço parte, ela visa a questão natural. A minha cidade é uma cidade turística e a melhor água do mundo esta situada lá, então essa floresta, essa área natural só é preservada por conta das águas, porque se desmatar acaba com o abastecimento da agua. E lá também a agência de turismo da cidade anualmente promove uma gincana promovendo a reserva, onde você vai na reserva desde catar lixo que jogaram até fazer reconhecimento sobre algumas plantas e coisas que possam ter na reserva e que sejam de fácil acesso aos alunos. É sempre envolvendo adolescentes, não é algo de publico aberto, de um público alvo bem fechado mesmo.

Entrevistado 4: Eu estudei na Escola Municipal João Leôncio, no km 40, e a cada 6 meses a eles faziam eventos onde todas as turmas deveriam desenvolver trabalhos e apresentar para todos. Me lembro que fiz uma maquete explicando a diferença entre um rio bem cuidado, sem lixo e com uma natureza bonita, e a realidade de um rio poluído, com garrafas, sacolas e com uma natureza destruída, e tals. Cada evento tinha um tema, e as turmas desenvolviam coisas diferentes, como cartazes, coreografias, maquetes, desenhos, poemas e outros. Bom, depende do período escolar. No meu ensino fundamental, eu fiz umas 3 vezes. Um sobre poluição dos rios, outro, sobre desmatamento e o último sobre Materiais recicláveis.

Entrevistado 6: Eu lembro que teve alguma coisa de coleta seletiva, e eu lembro que na minha escola eu era monitor, e eu tinha que ficar supervisionando os alunos que infringiam determinadas regras, e eu lembro que uma era de não jogar lixo no chão, então eu acho que nessa época foi bem forte, depois teve também (educação ambiental) mas era algo mais maduro, a gente tratava isso em aula em algumas disciplinas e tudo mais.

Entrevistado 8: Tinha feira de ciências, sempre abordavam isso. Tinha semana do meio ambiente. Essas coisas, que deixavam com mais contato que a TV. Na tv era de vez em quando só. A escola não, sempre abordava essa questão. Principalmente na semana de meio ambiente.

Ao final das entrevistas sempre era perguntado aos entrevistados sobre se, no seu ponto de vista, houve uma mudança na exposição de conteúdos midiáticos

envolvendo a crise ambiental. As respostas se mostraram bem diversas, porém podem ser observadas algumas similaridades.

Os entrevistados 1, 2 e 7 demonstraram não ter notado uma grande diferença entre a mídia das décadas de 1990 e 2000. Já os entrevistados 3, 4 e 6 se posicionaram como pessimistas, apontando uma menor exposição atualmente, além de pontuada apenas em casos de desastres ambientais. Apenas o entrevistado 5 foi otimista quanto a essa questão e relatou que percebe um número maior de mensagens propositalmente ambientalistas na mídia televisiva, além da existência de programas inteiramente voltados para tais questões. Os entrevistados 8 e 9 opinaram que a mídia televisiva retrata igual ou menos do que era relatado no passado, porém hoje com a difusão da internet existe uma produção de conteúdo muito maior, assim como a facilidade de acesso do mesmo, porém este está disponível apenas aqueles já interessados na temática, já que na rede de internet o receptor vai até a informação e não o oposto.

3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados obtidos por meio da análise das mídias selecionadas, comparativamente à análise das entrevistas realizadas, é possível realizar algumas inferências quanto à influência midiática da programação infantil televisiva da década de 1990 e 2000.

De acordo com as análises dos programas (e com as devidas exceções, os jogos), percebe-se que embora os mesmos carreguem muitas vezes excelentes conceitos pertinentes a questões socioambientais e ecológicas, em todos os casos apresentados os mesmos se utilizavam de uma retórica sobre as temáticas já previamente construídas. Os conceitos trabalhados nas mídias eram reutilizados a partir de outras mídias, e quando não no caso, utilizados a partir de ideais pré-estabelecidos como no caso das inspirações as teorias de Odum e Lovelock.

Nenhuma das mídias aqui analisadas apresentava um nova problematização ou teorização quanto a questões ambientalistas, sendo assim nenhuma possuiu o papel de criadora de um conteúdo novo relacionado à temática ou de uma nova discussão, e contanto não há um papel influência primária sendo estabelecido pelas mesmas.

Ademais, deve-se atentar ao fato que, em mídias televisivas, a relação é estabelecida através de um receptor (espectador) e um emissor de informação (a mídia) em um fluxo unidirecional, não havendo a prática de troca de conhecimentos através de um canal bi ou multidirecional caracterizando um processo pedagógico.

Aliado a este fato, estão as análises das entrevistas realizadas, que deixam as opiniões dos entrevistados divididas quanto à influência dos meios midiáticos. Tendo em vista esta incerteza presente nos entrevistados, podemos utilizar de um segundo recurso para decifrar essa questão; quando perguntados sobre as animações que mais lhes marcaram ao longo da infância todos os entrevistados facilmente puderam enumerar as mesmas através da memória, porém quando perguntadas se recordavam de algum momento nas animações onde questões ambientais foram tratadas, quase metade dos entrevistados não recordava de nenhum momento, e o outro restante recordou porém não em todos os exemplos que deram. Ao mesmo tempo que isso se deu, através da pesquisa de episódios dos programas citados, foi possível encontrar exemplos de questões ambientais que foram trabalhados nos mesmos, mas que não foram lembrados por quase todos os entrevistados.

Deste modo, fica claro que assim como é possível a influência midiática sobre o comportamento infantil, como demonstrado por Applefield & Smith (1971), não é possível estabelecer o nível do impacto causado por esta influência, possivelmente este sendo raso e facilmente transposto por outras influências de maior força. Isso observa-se pelo fato de quase todos os entrevistados, mesmo alegando que os programas citados foram os que mais lhe marcaram na infância, foram incapazes de lembrarem-se de momentos específicos de todos (somente quando lembrados pelo entrevistador) que envolviam a temática ambiental, pois estas memórias foram provenientes de um conhecimento fraco e unidirecional, que não foi construído com o auxílio de uma didática.

Em contrapartida, quando perguntados se consideram a influência da mídia mais relevante que a da vivência escolar para a formação de uma consciência ecológica, apenas um dos entrevistados considerava a mídia como mais influente. Analisando as respostas, também é possível observar que ao contrário do ocorrido com os programas citados, quando perguntados sobre eventos de temática ambiental na escola, a maioria foi capaz de lembrar várias ocasiões.

Torna-se necessária, então, a rejeição da hipótese apresentada por este trabalho, que considerava a mídia como um forte fator de influência na formação de uma consciência ambiental na geração de 1990, visto que, embora esta possua sua importância, quando comparada à influência da educação ambiental na formação do indivíduo, torna-se praticamente irrelevante.

A mídia, então, não pode ser observada como um fator gerador, e sim apenas como um reflexo das ideologias circundantes na sociedade da época, associada a

interesses mercadológicos, já que a produção midiática, embora algumas vezes cercada de reais interesses filantrópicos à causa ambiental, (como no caso de Capitão Planeta) continua não sendo guiada por motivos pedagógicos e sim, econômicos (o que é percebido por dois dos entrevistados, ambos de curso referente a área de Humanas).

Este trabalho tem então como desfecho a rejeição de sua hipótese principal, assim como o levantamento de duas novas. O pouco impacto ocasionado pelas mídia televisiva da década de 1990 e 2000 em comparação à educação ambiental pode ser levar à construção de duas novas hipóteses:

- 1- Recursos audio-visuais embora eficientes, quando não utilizados com o auxílio de um mediador tornam-se canais unidirecionais reprodutores de conhecimento. Além do que no caso da mídia, os conhecimentos rasos são pouco impactantes, como na fala de José Manuel Moran sobre a mensagem utilizada na TV:

Os temas são pouco aprofundados, explorando os ângulos emocionais, contraditórios, inesperados. Passam a informação em pequenas doses (compacto), organizadas em forma de mosaico (rápidas sínteses de cada assunto) e com apresentação variada (cada tema dura pouco e é ilustrado). (MORAN, 1995)

Se comparados a experiências multi sensoriais e com a possibilidade de interação inter-pessoal promovidas pela educação ambiental, os recursos audio visuais sozinhos não são capazes de produzir o mesmo efeito.

- 2- Os recursos midiáticos, considerados como educação informal, não possuem o mesmo impacto da educação ambiental já que está possui um embasamento teórico pedagógico, tanto quando apresentada na forma de educação formal ou não-formal. Enquanto que na educação ambiental há um interesse pedagógico, na mídia há apenas o interesse econômico e mercadológico, sendo assim desde a sua base de construção não há a intenção de educar.

Mesmo no caso da educação não-formal, onde pode ser difícil estabelecer um certificado de aprendizagem nos conteúdos ambientalistas (para delimitar uma existência ou não de influência da mesma), já que esta é menos hierárquica e burocrática e mais difusa, além de não seguir um sistema sequencial e possuir no geral uma maior flexibilidade (ODUM, 2004), ela ainda conta com a finalidade principal voltada para a didática, e como descrito por Maria da Glória Gohn (2006):

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa.

Assim, propomos que novas pesquisas possam aprofundar a temática trabalhada nessa monografia, de forma a contribuir com uma discussão mais elaborada sobre formação socioambiental.

4. ANEXOS

Anexo 1:

Tópicos necessários para a elaboração das entrevistas:

- A infância do entrevistado foi marcado como telespectador? O quanto ele assistia a televisão diariamente ?
- O entrevistado assistia animações e programas infantis? Quais mais lhe marcaram ou quais primeiro lhe vem a mente ?
- O entrevistado relembra de algum episódio dos programas televisivos no qual a temática ambiental ou ciência foi relevante?
- Em quais outros veículos midiáticos ou eventos da infância o entrevistado relembra onde questões ambientais foram trabalhadas ?
- O quanto o entrevistado se relaciona e se identifica com as preocupações da crise ambiental ?
- O entrevistado acredita que a mídia televisiva teve um papel de influência na sua relação com o meio ambiente natural? Porque ? Esta influência foi mais ou menos relevante através mídia e vivências interpessoais fora ou dentro da escola?
- O entrevistado acredita que houve uma mudança entre as preocupações ambientais na mídia global da década de 90-00 e atualmente ? Se sim, qual a principal diferença ?

5. REFERÊNCIAS

CARSON, R. Silent Spring. Boston: Houghton Mifflin. Cambridge, Mass.: Riverside Press. 297p. 1962.

Carta de Belgrado. Disponível em :<http://www.mma.gov.br/quem-%C3%A9-quem/item/8066-carta-de-belgrado>. Acesso em 27 de Maio de 2016 as 16:40.

Dicionário Michaelis. Disponível em :
<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=educa%E7%E3o>. Acesso em 3 de Junho de 2016.

Documentos da Agenda 21. Disponível em :
http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/cap36.pdf. Acesso em 27 de Maio de 2016 as 18:00

Earth Day Network. Disponível em www.earthday.org . Acesso em 24 de Maio de 2016 as 11:00.

FLEMING, D. Roots of the New Conservation Movement. Perspectives in American History 6. p.7-91. 1972 (*apud*) WORSTER, D. Nature's Economy: A History of Ecological Ideas (Studies in Environment and History). Cambridge University Press. Kindle Edition. p.493. 1994 .

FREIRE, P. Educação como Prática de Liberdade. Editora Paz e Terra LTDA. Rio de Janeiro. p.6. 1967.

FRETWELL, S. D. The Impact of Robert MacArthur on Ecology. Annual Review of Ecology and Systematics v.6. p.1-13. 1975.

GHON, M.G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38. 2006

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer qualitativa em Ciências Sociais. pesquisa 8*ed. Ed. Record. Rio de Janeiro. p.19 . 2004.

HJARVARD, S. Miatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. MATRIZES, Brasil, v. 5, n. 2, 2012.

LAYRARGUES, P.P. Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Ministério do Meio Ambiente . Brasília. pg 7. 2004

LOVAAS, Effect of exposure to symbolic aggression on aggressive behavior. Child Development, v.21 p.37-44 1961 (*apud*) SANSON, A. & MUCCIO, C. The influence of aggressive toys on the behavior of preschool children. Australian Psychologist. 28(2), p.93-99. 1993.

MARGULIS, L. & LOVELOCK, J. Gaia and Geognosv. Global Ecology. p.6 .1988 (*apud*) WORSTER, D. Nature's Economy: A History of Ecological Ideas (Studies in Environment and History). Cambridge University Press. Kindle Edition. p.380. 1994 .

MORAN, J.M. O vídeo na sala de aula. Comunicação & Educação. São Paulo. (2) p.27-35. 1995.

MUSSEN, P., & RUTHERFORD, E. Effects of aggressive cartoons on children's aggressive play. Journal of Abnormal and Social Psychology. v.62. p.461-464. 1961 (*apud*) SANSON, A. & MUCCIO, C. The influence of aggressive toys on the behavior of preschool children. Australian Psychologist. 28(2), p.93-99. 1993.

NOVAES, W. Eco-92 avanços e interrogações, Estudos Avancados. (6)15. 1992.

ODUM, E. P. Fundamentos de Ecologia, 6 ed. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004

ODUM, E. P. The Strategy of Ecosystem Development. Science 164 p.262-270. 1969.

Pikachu é o mascote oficial da copa do mundo. Disponível em: <http://www.gamespot.com/articles/pikachu-is-japan-s-awesome-mascot-for-fifa-world-cup-2014/1100-6418347/>. Acesso em 27 de Maio de 2016 as 14:00

Preservar é diferente de conservar, você sabia ? Disponível em: <http://www.agenda21comperj.com.br/noticias/preservar-e-diferente-de-conservar-voce-sabia>. Acesso em 27 de Maio de 2016 as 16:20.

STEUER, F.B., APPLEFIELD, J.M., & SMITH, R. Televised aggression and the interpersonal aggression of preschool children. Journal of Experimental Child Psychology. v.11. p.442-447. 1971 (*apud*) SANSON, A. & MUCCIO, C. The influence of aggressive toys on the behavior of preschool children. Australian Psychologist. 28(2), p.93-99. 1993.

Stockholm: Birth of the green generation. Disponível em www.bbc.com. Acesso em 24 de Maio de 2016 as 16:00.

TIME Magazine Covers. Disponível em www.content.time.com/time/covers. Acesso em 24 de Maio de 2016 as 12:00.

UNESCO. Conferência de Estocolmo. Plano de Ação Mundial. Estocolmo. 1972. In: DIAS. Gembaldo Freire. Educação ambiental : princípios e praticas. São Paulo : Gaia. p. 272. 1992. (*apud*) CRISTIAN, E. Educação Ambiental: Evolução Histórica, Implicações Teóricas e Sociais. Uma Avaliação Crítica. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. p.2. Curitiba. 1996.

Wilderness.net. Disponível em www.wilderness.net . Acesso em 24 de Maio de 2016 as 15:00.

WORSTER, D. Nature's Economy: A History of Ecological Ideas (Studies in Environment and History). Cambridge University Press. Kindle Edition. 507p. 1994.